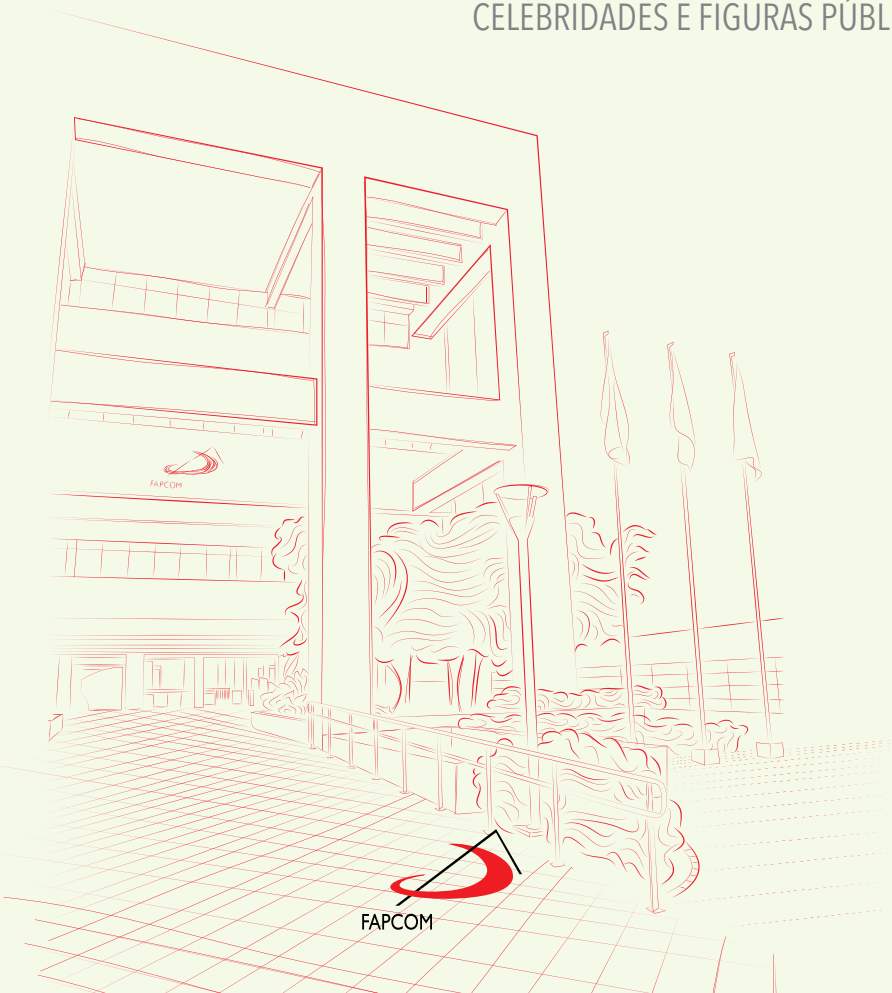
MATHEUS CAMPOS DA SILVA

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:

DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS



FAPCOM

COLEÇÃO E.BOOKS FAPCOM

JORNALISMO

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA: DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS

MATHEUS CAMPOS DA SILVA

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA: DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS

PAULUS

Coleção E.books Fapcom

A **Coleção E.books FAPCOM** é fruto do trabalho de alunos de graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Os conteúdos e temas publicados concentram-se em três grandes áreas do saber: filosofia, comunicação e tecnologias. Entendemos que a sociedade contemporânea é transformada em todas as suas dimensões por inovações tecnológicas, consolida-se imersa numa cultura comunicacional, e a filosofia, face a esta conjuntura, nos ocorre como essencial para compreendermos estes fenômenos. A união destas três grandes áreas, portanto, nos prepara para pensar a vida social. A Coleção E.books FAPCOM consolida a produção do saber e a torna pública,a fim de fomentar, nos mais diversos ambientes sociais, a reflexão e a crítica.

Conselho Científico

Alessandra Barros Marassi
Antonio Iraildo Alves de Brito
Claudenir Módolo Alves
Claudiano Avelino dos Santos
Jakson Ferreira de Alencar
Valdir José de Castro

Livros da Coleção E.books FAPCOM

A COMUNICAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA LATINO-AMERICANA
Paulinele José Teixeira

ASCENSÃO DIALÉTICA NO BANQUETE
Iorlando Rodrigues Fernandes

COMUNICAÇÃO E AMBIENTE DIGITAL
Cinzia Giancinti

A ONTOLOGIA DA ALMA EM SÃO TOMÁS DE AQUINO
Moacir Ferreira Filho

PARA REFLETIR O QUE A GENTE ESQUECIA:
ANÁLISE DE VIDEOCLIPES DA BANDA O RAPPA
Talita Barauna

NARRATIVAS DA FRONTEIRA:
INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NAS
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS
Marcos Vinícius Lima de Almeida

O CINEMA TRASH E A RECICLAGEM DA INDÚSTRIA CULTURAL
Juliano Ferreira Gonçalves

O TRATADO SOBRE AS DUAS NATUREZAS DE BOÉCIO
ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CONTRAPOSIÇÃO
ÀS HERESIAS DE ÊUTIQUES E NESTÓRIO
Gabriel Anderson Barbosa

O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE
Gabriel Sanches Gonçalves

PEDRINHAS - A CIDADE E AS SOMBRAS
Guilherme Lazaro Mendes

BRANDING SENSORIAL: POTENCIAL E LIMITES
Amanda Mendes Zerbinatti

UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR
DE NARRATIVA TRANSMÍDIA BRASILEIRA
Fernanda Gonçalves dos Santos

COLCCI: DO FUNDO DO QUINTAL PARA SPFW- AS RELAÇÕES PÚBLICAS E O
MARKETING INTEGRADOS NO REPOSICIONAMENTO DA MARCA
Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO
Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA
Mário Henrique Miguel Pereira

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação Editorial
Claudenir Módolo Alves
Alessandra Barros Marassi

Produção Editorial
Editora Paulus

Capa
Gledson Zifssak

Diagramação
Luana Felicia
Revisão Gramatical
Cícera Gabriela Souza Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Matheus Campos da
Análise do perfil jornalístico na revista Piauí e Veja [livro eletrônico] : dos protagonistas do cotidiano às celebridades e figuras públicas / Matheus Campos de Silva. -- São Paulo : Paulus, 2017. -- Coleção E.books FAPCOM)
6.441 KB ; ePub

ISBN 978-85-349-4662-9

1. Comunicação 2. Jornalismo 3. Jornalismo - Brasil - Linguagem 4. Jornalistas - Brasil 5. Piauí (Revista) 6. Revistas - Brasil 7. Veja (Revista)
I. Título II. Série.

17-09782 CDD-079.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Jornalismo 079.81

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo – (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700 – Fax (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN: 978-85-349-4662-9

À minha família, aos meus professores e aos meus amigos e colegas de classe. Em suma, sou grato a todos que me ajudaram, direta ou indiretamente, a realizar este trabalho.

RESUMO

SILVA, Matheus Campos da. Análise do perfil jornalístico nas revistas Piauí e Veja: dos protagonistas do cotidiano às celebridades e figuras públicas. São Paulo, 2016. 71f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social).

A presente monografia tem como principal objetivo refletir sobre as diferentes maneiras de construir e/ou inserir o personagem em uma reportagem. A partir de um estudo de caso com perfis jornalísticos de duas revistas brasileiras (Piauí e Veja), pretende-se identificar e categorizar aspectos nos textos como o estilo de narrativa e o tipo de abordagem, para constatar se há ou não diferenças no tratamento do personagem de acordo com o seu papel social. Por meio da análise, é possível conferir as angulações nos perfis de pessoas anônimas, de celebridades e de figuras públicas. Além de diagnosticar os tipos de entrevistas e elementos textuais, a pesquisa busca compreender as perspectivas e possibilidades na composição de diferentes indivíduos no atual cenário do jornalismo brasileiro. O estudo também tem a finalidade de sustentar o argumento de que os perfis precisam cumprir o papel de gerar empatia, ou seja, ao contemplar a natureza humana na objetividade do jornalismo, deve haver a preocupação com a experiência e a individualidade do outro.

Palavras-chave: Perfil; Reportagem; Revistas; Jornalismo.

ABSTRACT

SILVA, Matheus Campos da. A content analysis of the profile story in Piauí and Veja magazines: from the daily protagonists to celebrities and public figures. São Paulo, 2016. 71f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social).

The present study examines and reflects on the different ways of constructing and / or inserting the character in a report. A case study with journalistic profiles of two Brazilian magazines (Piauí and Veja) intends to identify and categorize aspects in their texts such as the narrative technique in writing and the type of approach, to verify whether or not there are differences in the treatment of the character according to their social role. Through analysis, it is possible to check the different angulations used to construct profiles of anonymous people, celebrities and public figures. In addition to diagnosing the types of interviews and textual elements, the research seeks to understand the perspectives and possibilities in the composition of different individuals in the current scenario of Brazilian journalism. The study is also intended to support the argument that profiles stories must fulfill the role of generating empathy, that is, in contemplating human nature in the objectivity of journalism, there must be a concern about the experience and individuality of each person.

Key-words: Profile; Report; Magazines; Journalism.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Papéis Sociais 43
Tabela 2 – Tipificações 47

Sumário

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTUL O I 17

O Estado da Arte

1.1 Gêneros jornalísticos 17
1.2 Origens do Jornalismo Literário 20
1.3 Reportagem-perfil: um texto humanizado 27
1.4 Personagens no Jornalismo: abordagens e contextos 29
1.5 Conceitos de Figuras Públicas, Celebridades e Anônimos 33
1.6 Objetos da pesquisa: revistas Veja e Piauí 36

CAPÍTULO II 41

Tipificações e enquadramentos

2.1 O perfil em textos jornalísticos 41
2.2 Análises de conceitos e elementos nas reportagens 42
2.2.1 Os personagens e seus papéis sociais 42
2.2.1.1 Critérios de seleção dos personagens 44
2.2.2 As tipificações na elaboração da reportagem-perfil 46
2.2.2.1 Critérios de enquadramento 49

CAPÍTULO III 52

Análises dos perfis

3.1 Análises dos perfis de figuras públicas 52
3.1.1 Perfis de figuras públicas na Piauí 52
3.1.2 Perfis de figuras públicas na Veja 55
3.2 Análises dos perfis de celebridades 59
3.2.1 Perfis de figuras públicas na Piauí 59
3.2.2 Perfis de figuras públicas na Veja 62
3.3 Análises dos perfis de protagonistas do cotidiano 66
3.3.1 Perfis de protagonistas do cotidiano na Piauí 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 73

APÊNDICES 79

ANEXOS 82

INTRODUÇÃO

Em meio à torrente de informações nos noticiários, um tipo de escrita mais humanizada e envolvente pode até ser considerado um alento na mídia impressa. Esse tipo de texto, no entanto, só se estabeleceu há algumas décadas, quando dois gêneros entraram em confluência: a Literatura e o Jornalismo.

A relação entre esses tipos textuais é bastante discutida, principalmente depois da corrente norte-americana chamada de Novo Jornalismo, que surgiu nos anos 1960, e popularizou o gênero de Jornalismo Literário no mundo, em que as fórmulas jornalísticas prontas deram espaço a elementos literários: o ponto de vista, a reconstrução cena a cena, o registro dos diálogos, técnicas literárias aplicadas às narrativas jornalísticas e à caracterização aprofundada do personagem[1]. As revistas norte-americanas, principalmente a *The New Yorker*, deram mais espaço a esse estilo.

O jornalista e autor Tom Wolfe foi um dos principais nomes a consolidar o movimento, junto com outros escritores como Joseph Mitchell, John Hersey, Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese, este último, um dos maiores realizadores de um estilo de reportagem que também se encaixa dentro do jornalismo literário e que vem transformando e aperfeiçoando, ao longo do tempo, a maneira de contar um recorte de momentos na vida de uma pessoa. Trata-se da reportagem-perfil, que ganhou força com a confluência de estilos.

Essa vertente tem diferentes visões por vários pesquisadores, não sendo restrita a uma única teorização. Algumas definições para o conceito de perfil no jornalismo:

> Steve Weinberg os chama de "biografia de curta duração" [short-term biography]; Oswaldo Coimbra, de "reportagem narrativo-descritiva de pessoa"; Muniz Sodré & Maria Helena Ferrari acham que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história [a história de sua própria vida] (VILAS BOAS, 2003, p. 16).

---

1 WOLFE, Tom. Radical Chique e o Novo Jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

A respeito do afã de categorização desse tipo de texto, também há diferentes abordagens. Apesar de muitas vezes ser tratado como gênero, o perfil é mais especificamente um subgênero, pois o conceito se encaixa dentro do gênero interpretativo.

Quanto à nomenclatura, é cabível utilizar tanto o termo "perfil" quanto "reportagem-perfil" – o segundo, no entanto, é mais prudente no âmbito da pesquisa por particularizar o objeto e também para diferenciar o perfil escrito de outros parâmetros biográficos em meios diferenciados, como a multimídia por exemplo.

A presente monografia tem, portanto, a reportagem-perfil em análise e duas revistas dentro do corpus da pesquisa: Piauí (Editora Abril), já uma grande representante do jornalismo literário no Brasil, e Veja (Editora Abril), a de maior circulação nacional. Ambas publicam, com frequência, alguma reportagem nesta vertente.

O enfoque está em estudar mais a fundo o que já foi levantado sobre o subgênero com o seguinte problema: tendo as duas revistas como objetos de análise, há diferenças nas elaborações dos perfis de personagens desconhecidos do grande público, de celebridades e de figuras públicas?

A hipótese do estudo é que, de acordo com aspectos distintivos como o tipo de entrevista, a tipificação do personagem e elementos textuais, há diferenças de angulações na construção da reportagem-perfil dependendo do papel social da pessoa perfilada.

Numa fundamentação teórica, levantam-se as diferentes maneiras de se fazer reportagem-perfil já estudadas por outros autores. O diferencial deste estudo é destrinchar as sutilezas do contato do autor / jornalista e das diferentes fontes – e como isso é apresentado ao público; além de abordar as características que denotam o perfil dentro de uma reportagem.

Nesse contexto, no que se refere à metodologia, a pesquisa pretende abordar informações bibliográficas sobre a reportagem-perfil e também fazer um estudo de caso ao analisar produções na área para compreender as principais características dela no atual cenário do jornalismo brasileiro. Para isso, foi feito um recorte temporal com todos os perfis publicados nas revistas Piauí e Veja

de abril a setembro de 2016 – composto por um conjunto de 26 textos, 13 de cada publicação, de um universo de 6 exemplares da Piauí, que é mensal, e 27 da Veja, semanal. A pesquisa obterá resultados qualitativos e quantitativos.

O período de seis meses foi escolhido para analisar publicações à luz dos tempos atuais. O ano de 2016 foi marcado por grandes e importantes eventos para o Brasil, principalmente em questões políticas e culturais. Nesse período, aconteceram, por exemplo, os jogos olímpicos no Rio de Janeiro e o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Por conta desses fatos, muitos personagens foram retratados na mídia nacional – o que fez com que surgissem vários perfis –, tanto nas próprias reportagens-perfis, quanto em crônicas ou outros tipos de reportagens.

Um dos objetivos determinantes para o capítulo da análise na pesquisa é repensar o conceito de perfil no jornalismo e não o restringir ao que os veículos da imprensa tratam como tal. Muitas reportagens e crônicas levantadas possuem as características do subgênero de reportagem-perfil e colocam o recorte de uma figura protagonista na narrativa – o tipo de texto mais humanizado.

As reportagens-perfis cumprem um papel que é o da preocupação com a experiência do outro, tendo como enfoque uma pessoa. Porém, esse tipo de texto ainda é pouco explorado, como alguns pesquisadores já diagnosticaram:

> O perfil jornalístico não é massivamente praticado ou explorado no cenário contemporâneo. Resgatá-lo em meio ao engendramento da produção jornalística atual é promover uma reflexão sobre as formas expressivas de jornalismo (MANDELLI, 2007, p. 9).

A justificativa principal em estudar o subgênero consiste em evidenciar o quão rico e delicado é tratar sobre partes da vida de alguém no jornalismo – e as diferentes formas de se fazer isso. Num quesito pessoal, o atrativo em estudar esse tema se dá pela vontade de publicar, como pós-produção, um livro – que pode funcionar como um manual e também uma coletânea de reportagens próprias.

Outro ponto importante a ser abordado é que, diferente do que explora a maioria das pesquisas com o tema, há exemplos mais antigos, os quais apresentam autores da primeira metade do século XX que já utilizavam destas técnicas, como o austríaco Joseph Roth (1894-1939) e o brasileiro Jœl Silveira (1918-2007), principalmente pelos seus respectivos livros *Berlim* (artigos escritos durante a década de 1920) e *A Feijoada que Derrubou o Governo* (década de 40 até 1976).

Esses apresentaram, de maneira inédita, textos jornalísticos com recursos de literatura - o que revela uma origem mais pioneira do que as pesquisas sobre o gênero e sobre reportagem-perfil insinuam, afinal, fala-se mais da disseminação do que de uma suposta origem em si.

Esses autores e períodos se destacam na pesquisa, pois a criação e a popularização do perfil no universo factual se devem à evolução técnica das mídias impressas em que a estética e a sensibilidade tomaram conta da escrita jornalística, a qual o jornalista Ricardo Kotscho chama de "(...) o filão mais rico das matérias chamadas humanas (...)" (KOTSCHO, 2004, p. 95), pois dá ao repórter/autor a oportunidade de elaborar um texto mais trabalhado.

Nas mídias impressas do Brasil, também a partir da década de 1960, passou-se a dar mais destaque às figuras públicas em diferentes âmbitos sociais. A revista que mais atuou nesse cenário com tendência ao jornalismo literário foi a Realidade (1966-1976), que retratava a sociedade da época nas suas publicações mensais.

Um dos principais pontos da monografia, portanto, é adentrar na atmosfera rica que é esse hibridismo entre a objetividade das informações no jornalismo e a subjetividade trabalhosa da literatura, tendo como enfoque o personagem central.

CAPÍTULO I

ESTADO DA ARTE

Neste capítulo serão abordados todos os conceitos e referenciais teóricos que serão cruciais para as análises posteriores. O enfoque vai desde a teorização de gêneros textuais às categorizações dos perfis, além da apresentação mais consistente do material empírico da pesquisa.

1.1 Gêneros jornalísticos

Segundo Michæl Kunczik (2002, p. 16), o jornalismo é considerado a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias, ou que comentam os fatos do momento. No jornalismo, germinam narrativas – "todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado" (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 11).

O jornalismo é, portanto, "dialógico, polifônico, opaco, efeito e produtor de sentidos, elaborado segundo regras e rotinas particulares, com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes" (MACHADO, 2006, p. 2).

O jornalismo impresso foi difundido por várias e distintas construções linguísticas e formas de representação, as quais são definidas pelos gêneros discursivos. Gênero é uma noção cujo objeto de interesse e pesquisa é fundamental no âmbito acadêmico. Um dos conceitos mais estudados é o do teórico russo Mikhail Bakhtin (2010) e a originalidade de seu pensamento o torna, assim, um marco referencial nos últimos tempos. Segundo ele:

> Gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade

> dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores (BAKHTIN, 2010, p. 279).

Os pesquisadores que se dedicam ao estudo dos gêneros no âmbito do jornalismo atribuem um nome ao pioneirismo desse foco de investigação: o autor Jacques Kayser (1900-1963), cofundador do Instituto Francês de Imprensa. Segundo o pesquisador Francisco de Assis (2011), no início da década de 1950, ele foi responsável pela sistematização dos primeiros estudos de jornalismo comparado, nos quais privilegiava a observação dos jornais em duas dimensões: forma e conteúdo.

No Brasil, dois nomes que articularam definições dentro da Teoria do Jornalismo são Luiz Beltrão e José Marques de Melo na década de 1980. Eles trabalharam critérios de intencionalidade, estilo, modos de escrita, natureza do tema e articulações interculturais. Segundo José Marques de Melo (2003), gênero é:

> Um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos [real], sua expressão jornalística [relato] e a apreensão pela coletividade [leitura] (MELO, 2003, p. 64).

Um gênero primordial no jornalismo é a reportagem, que, de acordo com Edvaldo Pereira Lima (2009), nasce da necessidade de contextualizar o relato simplificado da notícia e faz parte de um movimento chamado jornalismo interpretativo, enquanto a notícia seria parte do jornalismo informativo. Ao passo que localiza o fato em um contexto repleto de outros acontecimentos anteriores ou posteriores, a reportagem faz-se narrativa.

O pesquisador Oswaldo Coimbra (1993) subdivide o gênero em:

a) Reportagem dissertativa: Quando a dissertação é a estrutura predominante, percebida porque o repórter amarra no texto os dados e as declarações – dessa forma deixa transparecer seu raciocínio explícito em afirmações generalizantes seguidas de fundamentação através de um sentido lógico de causa e efeito, exemplificação, confronto ou enumeração;

b) Reportagem narrativa: Não possui uma análise explícita do repórter perante os fatos, mas sim uma organização dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade que evidenciam mudanças progressivas no estado das coisas e das pessoas;

c) Reportagem narrativo-dissertativa / Reportagem dissertativo-narrativa: Quando há em uma matéria os dois tipos de texto e um ou outro é predominante;

d) Reportagem descritiva: O texto é marcado pela descrição ao mostrar os fatos e as pessoas fixadas num único momento, onde ainda assim há movimento e ação e também pode haver raciocínio.

Ainda a respeito do jornalismo interpretativo, a interpretação da qual Lima (2009) trata é a do autor/jornalista. O material informativo é analisado como um objeto pela visão daquele que escreve. O mesmo formato também é estudado por Sérgio Vilas Boas (1996) como um modo de "(...) dar a informação sem opinar, expondo ao leitor o quadro completo de uma situação atual" (VILAS BOAS, 1996, p. 77). O jornalismo interpretativo deve permitir que o leitor faça por si mesmo a digestão do tema que lhe é posto.

Em 1998, Marques de Melo reuniu um grupo de mestrandos e doutorandos da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) para classificar os conteúdos jornalísticos em "gêneros" e "formatos". Daí surgiu o trabalho *Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal* "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja" (DIAS et al., 1998), publicado nos anais do 21º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em setembro de 1998, na cidade de Recife (PE), assinado pelos pesquisadores Paulo da Rocha Dias, Rosemary Bars Mendez, Daniella Crespin Villalta e Gláubio Batista.

O gênero interpretativo foi definido como uma maneira de aprofundar a informação com o fim de relacioná-la com o seu contexto temporal e espacial, não se limitando a dar conta do que acontece, pois o jornalista interpreta o sentido dos acontecimentos (DIAS et al., 1998).

Os pesquisadores classificaram os formatos interpretativos da seguinte maneira:

a) análise: "a informação é analisada pelo autor do texto publicado, com dados complementares que fazem com que o leitor possa ter uma compreensão maior dos fatos" (DIAS et al., 1998, p. 13).

b) a enquete: "corresponde ao espaço dedicado para que a informação seja interpretada pelo entrevistado de forma rápida e sucinta" (DIAS et al.,1998, p. 13).

c) o perfil: "compreende apresentar descrições do personagem enfocado, possibilitando a interpretação de seu comportamento diante da sociedade" (DIAS et al., 1998, p. 13).

d) cronologia: "É o complemento da informação principal (seja ela reportagem ou notícia), com dados cronológicos dos acontecimentos" (DIAS et al., 1998, p. 13).

1.2 Origens do Jornalismo Literário

Qualquer história, seja ficção ou não ficção, não se desenrola sem personagens. Sendo assim, a reportagem-perfil, que enfoca partes da vida de uma personalidade, também se caracteriza como uma vertente do Jornalismo Literário – o qual, de acordo com Lima (2002), é uma reportagem ou ensaio em profundidade, em que se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura.

Literattura, segundo Alex Galeano (2002), advém do latim *litterata*, que está relacionado a caracteres ou escritos impressos (GALEANO, 2002, p. 102). De acordo com a definição de Terry Eagleton (2006):

> A especificidade da linguagem literária, aquilo que a distinguia de outras formas de discurso, era o fato de ela "deformar" a linguagem comum de várias maneiras. Sob a pressão dos artifícios literários, a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida (EAGLETON, 2006, p. 5).

Ou seja, os aspectos literários se contrapõem aos da não ficção jornalística por fugir da informação sistemática na escrita. O jornalismo também é conceituado como a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum (BELTRÃO, 1992, p. 67).

Lima (2010) define algumas das diferenças do Jornalismo Literário quanto à estrutura textual:

> No jornalismo convencional, o modo corriqueiro é o sumário. Como o nome sugere, trata-se de um resumo das coisas. Você dá uma pincelada nos elementos básicos do que tem para contar, simplifica, conta de uma maneira indireta, quase sempre impessoal (LIMA, 2010, p. 14).

Quanto ao jornalismo literário, há duas características significativas. A primeira é a cena:

> O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata. Enquanto o sumário apela mais para o raciocínio lógico, a cena procura também despertar a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar do leitor (LIMA, 2010, 16).

A construção em cena está intrinsecamente ligada à narração. De acordo com Lima (2010), o jornalismo literário é, essencialmente, contar histórias, só que de uma maneira elegante, articulada esteticamente. Ou seja, o texto é atrænte, do ponto de vista estético e "precisa oferecer ao leitor uma experiência prazerosa de leitura" (LIMA, 2010, 19).

Ambos os gêneros que constituem o Jornalismo Literário se desenvolveram na história paralelamente. As teorias literárias, no entanto, são mais antigas:

> A tessitura, o ritmo e a ressonância das palavras superam seu significado abstrato – ou, como os linguistas diriam de maneira técnica, existe uma desconformidade entre os significantes e os significados. [...] esta foi a definição de "literário" apresentada pelos formalistas russos, entre os quais estavam Vítor Sklovski, Roman Jakobson, Osip Brik, Yuri Tnynyanov, Boris Eichenbaum e Boris Tomashevski. Os formalistas surgiram na Rússia antes da revolução bolchevista de 1917; suas ideias floresceram durante a década de 1920, até serem eficientemente silenciadas pelo stanlinismo. (...) Sendo um grupo de críticos militantes, polêmicos, eles rejeitaram as doutrinas simbolistas quase místicas que haviam influenciado a crítica literária até então e, imbuídos de um espírito prático e científico, transferiram a atenção para a realidade material do texto literário em si (EAGLETON, 2006, p. 3 - 4).

Os estudos desenvolvidos pelos formalistas, os quais só serão conhecidos no Ocidente por volta de 1955 com a publicação do livro *Formalismo Russo*, de Victor Erlich, constituem, num certo sentido, uma verdadeira ciência da literatura, contribuindo decisivamente para que a obra seja encarada como a soma de todos os recursos nela empregados, como um "sistema de signos organizados de modo a imprimir a conformação e a significação dessa obra" (BRAIT, 1987, p. 44).

Rildo Cosson (2002) define metaforicamente as diferenças entre jornalismo e literatura:

> O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as ideias de força, domínio e amplidão de territórios, que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação (COSSON, 2002, p. 58).

O jornalismo realizado com influência desses recursos da Literatura teve definições mais concretas nos primeiros anos do

século XX. Segundo Lima (2002), é a "[...] época em que muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins e publicam suplementos literários" (p. 174).

Neila Biachin (1997) complementa que a interpenetração entre essas duas formas de expressão sempre foi muito intensa. Basta lembrar que os folhetins eram escritos para serem veiculados em jornais, eram escritores conhecidos que trabalhavam como jornalistas (muitos ainda trabalham) e a influência mútua entre as técnicas literárias e jornalísticas gerou confusões e discussões que ainda persistem.

De acordo com Antonio Hohlfeldt (2003), o folhetim nasceu na França durante a primeira metade do século XIX e primeiramente designava o espaço geográfico no jornal no qual se publicava desde piadas a receitas culinárias. No ano de 1836, o político e jornalista francês Émile de Girardin idealizou a publicação de ficção em partes sequenciadas, e então criou o romance folhetim, o qual visava primordialmente à redução dos custos da impressão. As tiragens assim aumentaram, o que atraiu mais leitores e proporcionou o acesso do público à leitura.

E é por isso que, no Brasil, o desenvolvimento do jornalismo cultural e da força literária está associado à influência francesa e ao advento do folhetim como fórmula atrativa para incrementar as vendas dos jornais. Dentre os primeiros escritores/jornalistas de destaque no Brasil, é possível citar nomes como Machado de Assis (1839-1908), que publicou crônicas e contos no jornal carioca Gazeta de Notícias, Graciliano Ramos (1892-1953), Monteiro Lobato (1882-1948) etc.

Antes disso, a predominância do texto "enxuto", da pirâmide invertida e do lead nas reportagens (o quê, quem, quando, onde, como e por quê), a qual destaca os fatos mais importantes no primeiro parágrafo da notícia, é uma difusão quase universal que teve origem nos Estados Unidos ao final do século XIX:

> O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX

> permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda (TRAQUINA, 2005, p. 34).

Surgiu então essa estrutura de texto: inicia-se por um resumo, ou sumário do fato noticioso, o *lead*, ao que se seguem outras informações, com explicações e contexto dos acontecimentos.

Porém, com o envolvimento do jornalismo com a cultura literária, cada vez mais se fez presente uma espécie de narrativa com valores estéticos. O conceito de estética está ligado ao ramo da filosofia que tem por objeto o estudo da natureza do belo e dos fundamentos da arte. A teoria literária, entretanto:

> Concebe a estética como inserida em uma estrutura textual, através de recursos estilísticos e da forma como o texto é construído e disposto com fins de apreciação visando a incitação de emoções em seu receptor [...]. No jornalismo, a estética está mais diretamente relacionada ao modo como o jornalista recorta a realidade e a reconstrói na esfera pública da notícia (MAZINI, 2008, p. 5).

Há exemplos antigos de autores que utilizaram de técnicas do jornalismo na mesma medida que beberam de fontes literárias: o austríaco Joseph Roth e o brasileiro Jœl Silveira.

Joseph Roth (1894-1939) é de origem judaica e participou da I Guerra Mundial, essencialmente como jornalista. Mas foi antes, na década de 1920, que escreveu artigos sobre suas observações da cidade de Berlim com recursos-bases da literatura – o ponto de vista, a reconstrução cena a cena, o registro dos diálogos e a caracterização aprofundada do personagem. Os artigos se tornaram uma coletânea que deu origem ao livro-reportagem intitulado de Berlim. Cultor dos relatos intensos e esmerados, Roth (2006) radicalizava sempre: "Não sou repórter, sou jornalista. Não sou redator, mas pœta".

Ele escreve sobre diferentes tipos de pessoas – criminosos, proxenetas, políticos etc. – e faz o que, futuramente, no jornalismo,

convencionou-se a chamar de perfil. Um dos trechos de seus artigos é um exemplo que comprova a narrativa com valores estéticos:

> O que eu vejo é o velho com o delgado trompete de latão na Kurfürstendamm. Um mendigo cujo drama chama tanto mais a atenção para si próprio porque é inaudível. Às vezes o falsete do trompete, do pequeno trompete de latão branco, é mais forte, é mais intenso que toda a Kurfürstendamm. E o gesto de um garçom no terraço do café, tentando esmagar uma mosca, tem mais conteúdo que os destinos de todos os fregueses no terraço do café. A mosca consegue escapulir, e o garçom decepciona-se. Por que tanta hostilidade com a mosca, ó garçom? (ROTH, 2006, p.14).

A descrição sensível e detalhada, tanto pela perspectiva psicológica quanto pelos fatos inerentes aos indivíduos, também está presente na narrativa dos artigos jornalísticos que Roth constituía.

No âmbito nacional, Jœl Silveira (1918-2007) se assemelha a Joseph Roth pela ousadia e pelo estilo. Foi um nome pioneiro na escrita de reportagens sobre personalidades com tom literário aqui no Brasil. O jornalista sergipano ficou conhecido pelo título popular de "víbora", pela maneira sarcástica da linguagem em seus textos, que descreviam figuras importantes da política entre os anos 1940 e 1960.

A obra de Jœl destacou-se "pela peculiaridade e sensibilidade para escrever perfis, tanto de anônimos como de notáveis" (MANDELLI, 2007, p. 3). Jœl Silveira procurava se manter à margem de amarras textuais propostas, o que o tornava um grande construtor de perfis. Em 1962, ele perfilou grandes figuras da República. Neste trecho sobre o ex-presidente João Goulart, ele apresenta de maneira literária as técnicas da reportagem em que o enfoque é o personagem:

> Nas idas e vindas pela fronteira, uma das paradas obrigatórias é na fazenda dos Vargas, na vizinhança. O velho Vicente Rodrigues Goulart é tido, na estância do Coronel Vargas, como pessoa de casa, principalmente pelo Dr. Getúlio, de quem é amigo desde que ambos eram meninos. Quando Getúlio se forma e vem advogar em São Borja, é o coronel Vicente Goulart que lhe envia

> os primeiros clientes. Ainda hoje João Goulart guarda várias cartas em que seu pai fazia a apresentação daqueles clientes, todas elas terminando sempre com o mesmo pedido: o de que o jovem advogado não cobrasse muito caro pela sua advocacia (SILVEIRA, 2004, p. 15).

Jœl Silveira inaugurou no Brasil um movimento crucial para a consolidação do Jornalismo Literário que, no entanto, ocorreu com mais força nos Estados Unidos. O *New Journalism* americano (em sua tradução literal: Novo Jornalismo) começou a se popularizar nos anos 1960. O clássico *Hiroshima*, de John Hersey, publicado pela revista *The New Yorker*, em 1946, é considerado um marco e fonte de inspirações para o estilo que marcou a produção jornalística norte-americana dos anos 1960.

Os principais redatores dessa corrente foram Truman Capote, Joseph Mitchell, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe. Este último elucidou a situação de grande parte dos jornalistas antes do movimento:

> O Romance não era uma mera forma literária. Era um fenômeno psicológico. Era uma febre cortical. Fazia parte do glossário da Introdução geral à psicanálise, em algum ponto entre narcisismo e neurose obsessiva. [...] Se um jornalista aspirava a status literário, o melhor era ter o bom senso e a coragem de abandonar a imprensa popular e tentar entrar para a grande liga (WOLFE, 2005, p. 30).

Para ele, o jornalista era conhecido como um profissional prosaico, fleumático e de personalidade apagada, pois o jornalismo impresso possuía um tom bege pálido, sem nenhuma emoção por conta da padronização à época.

A partir de então, os jornalistas do movimento do Novo Jornalismo começaram a descobrir recursos que deram ao romance realista o "imediatismo", a "realidade concreta", além do envolvimento emocional e da qualidade "absorvente" e "fascinante". Wolfe consolidou:

> O básico era a construção cena a cena, contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica. Daí os feitos de reportagem às vezes extraordinários

> que ocorriam – registrando o diálogo completo (WOLFE, 2005, p. 62).

Segundo Lima (2002), o "*New Journalism* resgataria, para essa última metade do século XX, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes".

Esse estilo se espalhou para alguns jornais e revistas de forma natural. Logo as narrativas que pareciam ficção, apesar de serem reais, estamparam as páginas de jornais famosos como o *Herald Tribune* e o *The New York Times*. No Brasil, a revista Realidade foi a principal a abranger a novidade na época, mais especificamente no final da década de 1960.

1.3 Reportagem-perfil: um texto humanizado

Ao partir do conceito de que o texto de reportagem-perfil tem base no jornalismo literário, entra também o aspecto do ponto de vista. Afinal, todo ser humano tem um perfil e consequentemente sua própria subjetividade.

Quando o autor/jornalista escreve sobre o "perfilado", ele entra no mundo da pessoa no intuito de conhecê-la, portanto, o texto não fica isento de hipóteses e suposições.

É uma criação arriscada ao levar em conta que o recorte biográfico tem uma ligação inerente com o cotidiano e a reflexividade, aspectos dilemáticos, pois são passíveis de inovações e consequentemente de dilemas, os quais "decorrem dos 'cenários de suposições' em que vivemos, onde a incerteza nos governa, perante incognoscibilidade do futuro" (PAIS, 2007, p. 25).

Nesse âmbito, há uma analogia, inclusive, com a arte. Para o teórico Ernst Gombrich (1995), especialista em história da arte, são as atitudes de um indivíduo que constituem a linguagem dos retratos na pintura e da fotografia:

> Em princípio, não há diferença entre representar uma coisa vista e uma coisa rememorada – nenhuma delas pode ser transcrita como tal, sem uma linguagem; nesse caso, sem aquele domínio da expressão que Rembrandt fez seu e que é patente de ponta a ponta em sua arte. Aqui, como sempre, a memória de soluções coroadas de êxito, as do próprio artista e as da tradição, é tão importante quanto a memória da observação (GOMBRICH, 1995, p. 303-4).

Na mesma medida que retratar uma fisionomia de maneira artística necessita dessa representação e da memória, o autor/jornalista equilibra o passado e o presente na história narrada ao elaborar o perfil – o qual expressa um modo de pensar/viver.

As primeiras aparições do perfil jornalístico como objeto de estudo no Brasil datam da segunda metade da década de 1980, quando Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari publicaram o livro *Técnicas de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, em 1986. Mas foi a partir da década de 1990 e início dos anos 2000 que uma bibliografia mais específica começou a aparecer, especialmente com os trabalhos dos pesquisadores Edvaldo Pereira Lima e Sérgio Vilas Boas no programa de pesquisa em Jornalismo Literário Avançado, no Núcleo de Jornalismo Comparado da Escola de Comunicação e Artes da USP.

As origens desse tipo de texto não são definitivas; por isso, fala-se mais em disseminação do que em invenção. Porém, há indícios de que no início as pessoas mais retratadas eram "olimpianos do mundo das artes, da política, dos esportes e dos negócios [...]. Esperava-se que o perfil lançasse luzes sobre a fase atual, o comportamento, os valores, a visão de mundo e alguns episódios da vida da pessoa" (VILAS BOAS, 2014, p. 275).

Segundo Lima (2002), faz parte do ideário do jornalismo uma desejável busca pela humanização, pois em nenhum outro espaço esse ideal é mais bem cultivado do que na reportagem-perfil, a qual, de acordo com ele, é uma matéria de caráter biográfico que "retrata concisamente momentos de uma vida, por meio de entrevistas, descrições, narrações de episódios marcantes" (LIMA, 2002, p. 95). Vilas Boas (2014) complementa esse ponto de vista sobre o que o perfil proporciona entre as relações interpessoais:

> Os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatia no leitor. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro (VILAS BOAS, 2014, p. 274).

O personagem de ficção, sendo assim, é uma entidade interpretada pelo autor, com base num "ser real". Já os personagens da reportagem narrativa são reais, mesmo não servindo como testemunhos do fato ou acontecimento. O jornalismo pode mitificar um ser existente ao transformar o conteúdo, o sentido, o aspecto e a personalidade. É um personagem fictício em grau menor, "porque o leitor-telespectador-ouvinte não chega a perder deliberadamente a referência ao 'personagem real'. Em jornalismo, personagem também é fato, acontecimento" (VILAS BOAS, 1996, p. 103).

1.4. Personagens no Jornalismo: abordagens e contextos

A origem da palavra "personagem" advém da raiz comum à etimologia de persona, cujo significado é próximo ao de máscara, ou seja, entidade tomada pelo indivíduo que variará segundo as convenções sociais. Sendo assim, "[...] a personagem se liga a fatores essenciais do seu convívio para conceber sua visão de mundo" (SILVA, 2010, p. 406).

A descoberta de *uma persona* em potencial para se tornar personagem no jornalismo, portanto, se dá pelo contato repórter-fonte. De acordo com Coimbra (1993):

> É, sobretudo, através da comunicação face a face, possibilitada pelas entrevistas, que o jornalista observa as pessoas que se tornarão personagens de seus textos. Há, portanto, uma dualidade – pessoa / personagem – diante da qual está permanentemente o jornalista, e com qual é obrigado a conviver sempre, correspondente à dupla dimensão de seu trabalho – a de repórter, captador de informações do mundo real, e a de redator, estruturador de textos (COIMBRA, 1993, p. 20).

Acerca da abordagem, diante do "protagonista" da história, o repórter tem dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passe ao leitor essa experiência.

Para tanto, o diálogo é um passo fundamental. Técnicas de entrevista são importantes nesse aspecto. Diversos teóricos conceituam os tipos de entrevistas. Como, por exemplo, Edgar Morin (apud. MEDINA, 2002, p. 14-19), o qual faz sua divisão no caso da edição de perfis:

Entrevista ritual/rito: Geralmente breve. O centro do discurso está na figura do entrevistado e no motivo que levou o jornal a procurá-lo. Tende a ser chamada de entrevista para "cumprir a ficha", cujo intuito é apenas confirmar algo esperado. Quase sempre é feito um esforço pelo jornalista para encontrar falhas no discurso do entrevistado, mas como é algo relativamente premeditado, essa tentativa é frustrada.

Entrevista temática: Quase sempre aborda um tema cujo entrevistado barganha para submeter-se à entrevista, muitas vezes como especialista. Pode envolver a exposição de opiniões e as versões acerca de um acontecimento. Morin (1998) a divide em entrevista de investigação e entrevista conceitual.

Entrevista testemunhal: Trata de buscar o relato do entrevistado a respeito de um evento a que ele assistiu ou do qual participou, de forma exclusiva, e possa acrescentar novas informações ao fato antes narrado. Esse tipo de entrevista contém a interpretação pessoal do entrevistado sobre o evento.

Entrevista em profundidade: Esse seria o tipo mais indicado na utilização dos perfis jornalísticos, visto que é a entrevista que não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem. Relacionar a sua visão dos eventos, dos locais, e a sua maneira de ser.

Durante esse contato com a fonte, na elaboração da reportagem-perfil também é comum a utilização daquilo que é chamado de **conceito da transparência**, formulado por Bill Kovach e Tom

Rosenstiel. Esse aspecto diz respeito ao que defende a veracidade na profissão. No momento em que o jornalista apresenta no texto elementos do encontro com a fonte ou aspectos dos bastidores, ele é capaz de provar ao público parte da apuração feita para que a matéria fosse escrita. A transparência é entendida também como uma medida capaz de democratizar a informação (MAIA, 2008).

Pelas entrevistas, definem-se os personagens e a profundidade nos relatos. A experiência humana é a principal referência. Mas "o jornalismo convencional – rígido, cartesiano, funcionalista – apresenta o indivíduo abstratamente" (VILAS BOAS, 2003, p. 18).

Vale, portanto, definir alguns tipos de personagens segundo pesquisadores. Beth Brait (1987, p. 42-45) indica a classificação feita por Phillipe Hamon:

a) Personagem referencial – é o que se refere a um sentido pleno e fixo. Sua participação e identificação dependerão do reconhecimento do leitor na cultura da qual o personagem faz parte. Rotineiramente a imprensa traz histórias de vida de personalidades que as pessoas já conhecem, pois estes estão inseridos na mesma cultura dos leitores;

b) Personagem anáfora – normalmente circunda alguém desconhecido do grande público e só pode ser apreendido dentro do texto;

c) Figurantes – na maioria das vezes ocupam lugares subalternos nas obras. Distanciados e passivos, são pouco significativos no campo psicológico, mas muito importantes no aspecto físico, servindo para ilustrar lugares e dar atmosfera ao ambiente narrado.

Quanto às maneiras como o personagem é construído na narrativa, E. M. Forster, em Aspects of Novel (apud. Brait, 1987, p.41-3), classifica da seguinte forma:

a) Personagem plana: construído de forma fixa e em torno de uma única qualidade ou característica, está imune à evolução no transcorrer da narrativa.

b) Personagem redonda: apresentado a partir de sua complexidade, normalmente dinâmico e particularizado às idiossincrasias humanas.

Muniz Sodré e Maria Helena, em um subcapítulo sobre perfil (1986, p. 134-136), também fizeram categorias sobre os tipos de personagens:

a) Personagem indivíduo: Nesse tipo de perfil o retrato é mais psicológico do que referencial – o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação. O narrador, logicamente, acentua esse lado e desde o início confere ao texto um caráter de imprevisibilidade.

b) Personagem tipo: Nem sempre há personalidades tão surpreendentes. É o caso, por exemplo, de celebridades que se inscrevem em categorias: esportistas, cantores, milionários, princesas etc. A menos que se salientem por outro traço qualquer, o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhes deu fama: habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer atributo típico de suas classes ou profissões.

c) Personagem caricatura: Na vida, como na literatura, há todo tipo de personagens. É natural que, vez em quando, encontremos sujeitos estranhos, de gestos grotescos e atitudes mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição.

Os mesmos teóricos dividiram os tipos de perfis existentes na mídia (1986, p. 139). Nem sempre a reportagem por inteiro é um retrato só de um personagem:

a) Miniperfil: às vezes inserido em todo tipo de reportagem. Nesse caso, como o destaque é dado aos fatos, à ação ou ao levantamento de dados, os personagens são secundários. O relato é interrompido para dar lugar a um enfoque rápido sobre eles, sob forma narrativa ou de curta entrevista.

b) Multiperfil: publicam-se inúmeras matérias, de diversos tipos (artigos, crônicas, poemas, entrevistas), que testemunham vida e obra do focalizado. O conjunto forma uma grande reportagem e, naturalmente, seu grande perfil. Aliás, um multiperfil, na medida em que vários são os narradores e um só é objeto da narração.

Outros pontos também tratados nos estudos dos tipos de personagens são seus respectivos contextos e abordagens. Medina (1973) em parceria com o jornalista Paulo Roberto Leandro explica que há uma formatação de narrativas baseadas em quatro flancos (1973, p. 31):

a) Contexto social: as histórias têm que levar a um contexto coletivo, não exclusivamente a uma história particularizada;

b) Protagonismo anônimo: a grande mídia seleciona "certos entrevistados", então há a necessidade de se descobrir protagonistas que estão à margem da elocução de sua voz;

c) Identidade cultural / raízes históricas: contexto histórico e cultural da história. Perspectivas de como esses aspectos são percebidos e como são pesquisados / abordados.

d) Diagnósticos e prognósticos especializados: o jornalista, se não for especialista no tema em que está escrevendo, não deve dar opinião.

1.5 Conceitos de Figuras Públicas, Celebridades e Anônimos

Nesta pesquisa, o problema consiste em deflagrar as diferenças de angulações em perfis de pessoas desconhecidas do grande público, de celebridades e de figuras públicas. Para isso, é necessário, portanto, compreender os conceitos dos diferentes grupos de indivíduos na sociedade civil.

É fato que a vida de pessoas com imagem pública desperta mais a curiosidade dos espectadores / leitores e, consequentemente, o interesse dos meios de mídia. A expressão figura pública surge em oposição à figura privada (private figure), designação dada a "todo o cidadão anônimo, que vive no recanto da sua existência, assistindo passivamente ao desenrolar dos acontecimentos que fazem a história, mais ou menos ampla, de um povo" (AMPONSAH, 2004, p. 80-139 apud BRITO, 2010, p. 45).

As figuras públicas, portanto, compreendem desde indivíduos que exercem cargos eletivos do legislativo, executivo a cargos do estado lotados no judiciário, até atores, líderes comunitários, professores e intelectuais, entre outros.

A pesquisadora portuguesa Iolanda de Brito (2010) distinguiu as seguintes categorias de figuras públicas (p. 131):

a) Figura pública permanente: Pessoa que, em virtude do papel que desempenha na história ou da intervenção que faz numa questão de interesse público, mantém sobre si, ao longo da sua vida, os holofotes da exposição pública.

b) Figura pública temporária: Pessoa que esteve exposta ao interesse público de informação, mas que, na volta ao refúgio do anonimato, viu apagado o holofote que a trouxe para a fama.

c) Figura pública voluntária: Pessoa que conquistou a fama ou a notoriedade e aceitou ser lançada para a vulnerabilidade da exposição pública, em consequência de um papel que procurou assumir.

d) Figura pública involuntária: Pessoa que, sem ter contribuído para isso ou sem que fosse razoável prever que a sua conduta pudesse ter esse efeito, se viu colocada na vida pública.

Segundo Wilson Gomes (2004), a imagem pública ainda pode ser entendida como "um complexo de informações, noções, conceitos, partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam" (GOMES, 2004:254). É importante destacar que esse complexo está em constante construção, já que uma "imagem pública não é uma entidade fixa, definitiva, sempre igual a si mesma e assegurada para todos os seres reais" (GOMES, 2004:264).

É também inevitável que os posicionamentos assumidos pela figura pública atuem num permanente fazer-se da sua imagem pública – a qual se realiza, principalmente, através da mídia: "a imagem pública nos chega como nos chega o mundo: mediado pelo sistema institucional e expressivo da comunicação, instrumento predominante onde e por onde se realiza a visibilidade social" (GOMES, 2004:264). Para a pesquisadora Paula Guimarães Simões (2011), a mídia ocupa, assim, um lugar central na efetivação da imagem pública, já que constrói um novo tipo de visibilidade.

Outro termo também utilizado para o papel social de pessoas com relevância na sociedade civil é o de celebridade. De acordo com o autor inglês Chris Rojeck (2008, p. 11), na sociedade contemporânea, o termo está associado "à fama, à natureza volúvel, temporária do mercado de sentimentos humanos, no contexto de relações anônimas, episódicas, de mudanças velozes na vida social e econômica sustentadas pela atribuição de status glamoroso a um indivíduo dentro da esfera pública".

Rojek (2008) também estabeleceu uma distinção entre alguns conceitos frequentemente confundidos por causarem impacto na opinião pública: celebridade, notoriedade e renome. Segundo o autor, "enquanto a celebridade funciona dentro de uma estrutura geral moral que reafirma ordem suprema, a notoriedade costuma conotar transgressão, desvio e imoralidade" (2008, p. 35). O conceito de renome aplica-se à "atribuição informal de distinção a um indivíduo dentro de uma determinada rede de relacionamentos sociais" (2008, p. 14).

O autor aponta três status de celebridade:

a) Conferida: A celebridade conferida está relacionada à linhagem. Deriva da descendência biológica. É o caso de príncipes e princesas, por exemplo. A celebridade conferida pode agir para enaltecer ou atenuar seu status de celebridade, mas o fundamento é pré-determinado.

b) Adquirida: Esse é o tipo de celebridade que resulta de realizações individuais sem intermediários. São famosos em razão de suas conquistas, talento e habilidades. Encaixam-se nessa categoria os atores, jogadores, músicos, entre outros. Rojek afirma que esse tipo de celebridade, vinda da massa, reflete o declínio da celebridade conferida.

c) Atribuída: São as celebridades criadas por intermediários culturais (profissionais que modelam e administram suas imagens), mesmo sem talento ou habilidade excepcional, devido à expansão das mídias de massa.

A respeito dos indivíduos anônimos, a pesquisadora Francilene de Oliveira (2010) os chama de "protagonistas do cotidiano", pois segundo ela:

> Anonimato. Essa palavra é estranha. Ao pé da letra quer dizer "aquele que não tem nome". Mas todo mundo tem um nome e uma história. Dentro do jornalismo, convencionou-se chamar àqueles que não são famosos, nem celebridades. Como sinônimo, também se usa a expressão "pessoa comum", que quer dizer, "uma pessoa como qualquer outra". [...] Quando se mergulha com profundidade na vida cotidiana prova-se que não há vidas comuns, que todos os sujeitos são extraordinários e únicos em seus destinos (OLIVEIRA, 2010, p. 44).

O pensamento da autora vai de encontro com o de Vilas Boas (2010), o qual acredita que categorização "vazia" de anônimo foi criada como defesa e diferenciação por pessoas e instituições que procuram formas de se legitimar. Nessa perspectiva, os anônimos seriam os "sem nome de família", aqueles que não pertencem a famílias tradicionais, nem possuem condições financeiras favoráveis (2010, p. 45).

1.6 Objetos da pesquisa: revistas Veja e Piauí

O histórico de perfis, principalmente após a citada corrente do Novo Jornalismo americano, está naturalmente ligado ao estilo das revistas, que se propõe mais abertamente a interpretar o fato. Segundo Vilas Boas (1996, p. 14), depois de "assentada a pœira", vem a reflexão, a visão detalhada do contexto, a narrativa instigante e atrænte, que faça o leitor mergulhar na "história".

Ainda segundo ele, a reportagem narrativa se desenvolve com ritmo, beleza, refinamento e liberdade. É preciso, no entanto, entender liberdade como improvisação. Significa improvisar dentro de certos limites ideológicos. A revista faz um jornalismo que diagnostica, investiga e interpreta com maior ritmo, clareza e concisão. Sabe-se, portanto, que:

> Revistas são consideradas história viva. A maioria dos registros visuais que o mundo tem dos séculos 19 e 20 vêm de suas páginas, primeiro em forma de ilustração, depois com a fotografia.

> Revistas refletem a sociedade do seu tempo – as mudanças políticas, econômicas, sociais, os novos comportamentos e as inovações. Não se pode imaginar o desenvolvimento dos séculos 19 e 20 sem a participação das publicações periódicas – os jornais e as revistas (ALI, 209, p. 306).

A pesquisadora Marília Scalzo (2004) afirma que "existem no universo das revistas algumas ideias originais que deram tão certo, fizeram tanto sucesso, que viraram modelo e por isso estão rodando o mundo e sendo repetidas há muito tempo" (SCALZO, 2004, p. 21). A observação de Scalzo é recorrente entre os pesquisadores de jornalismo. Os objetos empíricos da pesquisa (revistas Veja e Piauí) são exemplos disso.

Revista Piauí:

A Piauí é uma revista mensal, de circulação nacional que está no mercado desde 2006. Foi fundada a partir da Videofilmes, empresa dos irmãos documentaristas Walter e João Moreira Salles.

De acordo com informações do Mídia Kit de 2016, a impressão é feita na gráfica da Editora Abril. A circulação é nacional e a distribuição é feita pela Dinap, Editora associada à ANER. A revista é impressa em papel especial de alta qualidade, utilizado na produção de livros, que visa tornar a leitura mais confortável. Tem um formato que remete ao de um jornal impresso, no estilo tabloide, de 26,5cm x 34,8cm, fora do convencional para revistas, que normalmente tem como padrão o tamanho standard (20,5cm x 27,5cm). Caricaturas mais do que propriamente fotografias, mas quando as utiliza geralmente são bastante expressivas e em grande formato.

A Piauí se anuncia como "uma revista para quem gosta de ler" e possui características do jornalismo literário, tais quais definidos por Wolfe (2006): o ponto de vista, a reconstrução cena a cena, o registro dos diálogos, técnicas literárias aplicadas às narrativas jornalísticas e a caracterização aprofundada do personagem. Apesar de que, para Salles, "jornalismo literário" é um termo pretensioso. Em palestra aos estudantes de comunicação da UFRJ em 2007, ele argumentou que "é como se o jornalismo precisasse ter a ambição de ser literatura para ser reconhecido"[2] (SALLES, 2007).

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hjz85xs9bQc>. Acesso em: 30 ago. 2016.

A revista, desde então, publica perfis de diversos personagens em suas edições – principalmente de figuras políticas. As seções que abrangem esses textos são "Esquina", "Perfil" e "Vultos da República", este último focado inteiramente nos políticos.

Salles (2006) afirma que os perfis são "uma família jornalística praticamente inventada pela New Yorker" (2006, p. 570). Desde seu primeiro número, muitas das páginas da revista são destinadas aos perfis que, assim como as demais reportagens, herdam outra característica da New Yorker: tempo e espaço para escrever. Salles (2006) coloca a questão do tempo como um diferencial da revista norte-americana, por ser "mercadoria escassa no jornalismo tradicional, mas não na New Yorker" (2006, p. 574).

Tem uma tiragem mensal de 56.400 exemplares. Com longas e detalhadas narrativas, as reportagens da revista vão de uma a doze páginas e abusam das informações mais pitorescas e minuciosas do local, situação e personagem em questão. A revista geralmente apresenta crônicas, diários, perfis, dossiês fotográficos, histórias em quadrinhos, contos, textos ficcionais e ilustrações. Segundo os Estudos Marplan EGM (Estudo Geral de Meios) de 2012 do Instituto Ipsos, o público consiste em:

Gênero:

54% homens
46% mulheres

Classe social:

62% da classe B
30% da classe A
8% da classe C

Faixa Etária:

10 a 17 anos - 3%
18 a 24 anos - 15%
25 a 34 anos - 30%
35 a 49 anos - 23%
50+ anos - 29%

Grau de Instrução:

Continua estudando - 26%
Superior Incompleto - 8%
Estuda Rede Pública - 12%
Estuda Rede Particular - 14%

Revista Veja

Criada em 1968 pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta, a revista semanal Veja aborda várias temáticas, desde assuntos da política ao mundo do entretenimento. Tópicos como tecnologia, ciência, ecologia e religião também são abordados em alguns exemplares. Além da edição nacional, são publicadas, eventualmente, edições que tratam de assuntos regionais como a Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Brasília e Veja BH.

Na criação da revista Veja, "Roberto Civita e Mino Carta, que seria seu primeiro diretor, visitaram as redações das principais semanais de informação dos Estados Unidos e da Europa, para conhecer o que de melhor se estava fazendo no mundo" (CORRÊA, 2012, p. 218).

No editorial da revista, em setembro de 1968, a promessa era de ser a "grande revista semanal de informação de todos os brasileiros", pois, segundo o texto de apresentação "O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos" (REVISTA VEJA, 1968, p. 20).[3]

A revista atualmente é distribuída pela Editora Abril. Possui a maior tiragem do país, a qual supera 1 milhão de exemplares. Uma de suas características mais fortes é a de apresentar a sua opinião frente ao assunto pelo qual está sendo discutido, construída principalmente por meio de adjetivos, advérbios e figuras de linguagem.

Comumente, valores, posses e cargos ocupados são destacados nas publicações da revista, a qual, inevitavelmente, dá enfoque

3 Disponível em: <http://acervo.veja.abril.com.br>. Acesso em: 30 ago. 2016.

para celebridades e figuras públicas, geralmente em posição de destaque econômico e profissional.

Quanto ao público, segundo os Estudos Marplan EGM (Estudo Geral de Meios) de 2014 do Instituto Ipsos, consiste em:

Gênero:

52% Mulheres
48% Homens

Classe Social:

62% pertencem à classe AB

Idade:

65% têm entre 25 e 54 anos

CAPÍTULO II

TIPIFICAÇÕES E ENQUADRAMENTOS

Analisam-se, neste capítulo, os conceitos levantados nas produções jornalísticas que contêm perfis, sendo os 26 textos dos objetos empíricos no corpus da pesquisa. Apesar de ser um fator dissonante, aqui não cabe julgar as variações entre o "jornalismo convencional" e o jornalismo literário nas publicações, mas sim como os personagens das reportagens-perfis são analisados – o tipo de abordagem dos relatos, as informações levantadas no recorte biográfico e os aspectos apontados de suas personalidades – tendo em vista seus papéis numa esfera pública ou numa vida cotidiana e anônima.

2.1 O perfil em textos jornalísticos

Segundo Vilas Boas (2014), cada ser humano tem um perfil, assim como cada perfil só pode ser sobre um ser humano. No jornalismo, o texto conceituado como tal possui parâmetros específicos em questão de narratividade e descrição, principalmente com o advento do Novo Jornalismo americano. Porém, ao analisar as características e elementos necessários para considerar um sujeito perfilado em um texto jornalístico, é possível perceber que diferentes produções, algumas disseminadas ou como crônica ou simplesmente como reportagem comum, também são reportagens-perfis.

Um perfil consiste num texto que possua um personagem principal – o qual, segundo Brait (1990, p. 89) é "aquele que ganha o primeiro plano na narrativa". Ainda no mesmo texto, ao redor dessa figura centralizada, aparecem os adjuvantes – personagens auxiliares – por meio das histórias de vida e opiniões, juízos de valor sobre o personagem central.

Portanto, até mesmo em reportagens dissertativo-narrativas, com dados e raciocínios do repórter, pode haver um perfil, o qual, segundo o pesquisador Tiago Amate (2013), liga as impressões

do repórter-autor à figura de um personagem central e constrói imagens no imaginário do leitor. Muniz Sodré e Maria Helena (1986), inclusive, destrincharam vertentes que existem nesse conceito: o Miniperfil e o Multiperfil, conferidos no capítulo anterior, sendo que o primeiro é exatamente a classificação de que há a possibilidade de o personagem ser secundário no texto e, ainda assim, não deixar de ser perfil, independentemente do tipo de reportagem.

Na presente pesquisa, pretende-se localizar e identificar essas características de uma maneira a refletir os conceitos e elementos do que foi estudado a respeito do subgênero em análise, afinal o perfil possui inúmeras definições e, sendo assim, consegue ser entendido em diversas formas e estilos.

Esse é um dos fatores cruciais para confirmar ou negar a hipótese levantada, pois assim é possível demonstrar vários tipos de angulações e tipificações de diferentes personagens protagonistas. A maneira como o repórter os enquadra nos perfis dentro das reportagens poderá ou não ter relação com o seu papel social.

2.2 Análises de conceitos e elementos nas reportagens

Após o estudo dos conteúdos teóricos, foram elaboradas duas tabelas para que sejam identificados alguns elementos de análise nos materiais empíricos. Elas servem de base para a problematização de dois flancos: os papéis sociais dos personagens selecionados e os seus enquadramentos nos textos. Neste subcapítulo, todos esses aspectos são catalogados e investigados.

2.2.1 Os personagens e seus papéis sociais

A primeira tabela classifica os papéis sociais dos perfilados de acordo com os conceitos dos seguintes autores: Iolanda Rodrigues de Brito (2010) para Figura Pública, Chris Rojeck (2008) para Celebridade e Francilene de Oliveira (2010), que utiliza o termo "Protagonista do cotidiano" ao falar de pessoas desconhecidas do grande público.

Tabela 1 – Papéis Sociais

Perfil	Revista	Nº da edição	1 – Figura Pública	2 – Celebridade	3 – Anônimo
Marcela Temer Bela, recatada e "do lar" (p. 28 - 29) – por Juliana Linhares	Veja	Abril - nº 2474	Permanente		
Ana Carolina Oliveira "Lutei muito para voltar a ser feliz" (p. 66 - p. 68) – por João Batista Jr.	Veja	Abril - nº 2475	Involuntária		
Prince O legítimo gênio da música pop (p. 34) – por Sérgio Martins	Veja	Abril - nº 2475		Adquirida	
Francenildo dos Santos Costa oincidências (p. 10) – por João Moreira Salles	Piauí				Protagonista do cotidiano
Edward Luttwak O Maquiavel de MaryLand (p. 52 - 57) – por Thomas Meaney	Piauí	Abril - nº 115	Permanente		
Milena Santos A festa do fim de festa (p. 50 -51) – por Rodrigo Rangel	Veja	Maio - nº 2476	Voluntária e Atribuída		
Cauby Peixoto O primeiro pop star do Brasil (p. 109) – por Sérgio Martins	Veja	Maio - nº 2479		Adquirida	
Emanuel Agostinho Moreno de Angola (p. 14) – por Gisele Lobato	Piauí	Maio - nº 116			Protagonista do cotidiano
João Gordo Punk verde (p. 16) – por Júlio Lamas	Piauí	Maio - nº 116		Adquirida	
Andrew Ackerman Bom de cama (p. 14) – por Roberto Kaz	Piauí	Junho - nº 117			Protagonista do cotidiano
Delcídio do Amaral O delator (p. 20 - 29) – por Malu Gaspar	Piauí	Junho - nº 117	Permanente		
João de Deus A luta de João de Deus contra o câncer (p. 74-81) – por Adriana Dias Lopes e Egberto Nogueira	Veja	Julho - nº 2485		Adquirida	
Manœl Moreira O trampolim de Temer (p. 12) – por Bruno Bernardes	Piauí	Julho - nº 118	Permanente		
Enrique Coimbra Confessionário Digital (p.14) – por Bolivar Torres	Piauí	Julho - nº 118		Adquirida	

Ana Marcela Cunha A pit bull (p.56-62) - por Luiza Miguel	Piauí	Julho - nº 118		Adquirida	
Whinderson Nunes Rei do youtube (p. 96 - 99) -por Jennifer Ann Thomas	Veja	Agosto - nº 2490		Adquirida	
Michael Phelps A redenção de Phelps (p. 58-63) - por Alexandre Salvador	Veja	Agosto - nº 2491		Adquirida	
Ivo Pitanguy O senhor das plásticas (p. 32) - por Adriana Dias Lopes	Veja	Agosto - nº 2491		Adquirida	
Elke Maravilha Trem da Alegria (p. 100) - por Marcelo Marthe	Veja	Agosto - nº 2492		Adquirida	
Diego Hypolito Chorão, sim e daí? (p. 84 - 87) - por Juliana Linhares e Monica Weinberg	Veja	Agosto - nº 2492		Adquirida	
Suzane Von Richtofen Suzane, 14 anos depois (p. 57 - 59) - por Ulisses Campbell	Piauí	Agosto - nº119			Protagonista do cotidiano
João Dória A guerra do cashmere (p. 14 - 22) - por Julia Duailibi	Piauí	Agosto - nº119	Permanente		
Carmen Lúcia Entre rosas e espinhos (p. 52 - 53) – por Pieter Zalis e Juliana Linhares	Veja	Setembro - nº2495	Permanente		
Amiris Rodrigues Moli vai à China (p. 11) – por Paula Scarpin	Piauí	Setembro - nº 120			Protagonista do cotidiano
Jair Bolsonaro Direita, Volver (p. 18 - 26) – por Consuelo Dieguez	Piauí	Setembro - nº120	Permanente		

Legendas: 1 - Classificações por Iolanda Rodrigues de Brito (2010); 2 - Classificações por Chris Rojek (2008); 3 - Classificações por Francilene de Oliveira (2010).

2.2.1.1 Critérios de seleção dos personagens

Coletar informações, apurar e difundi-las por meio dos veículos de comunicação (jornal, revista, televisão, rádio etc.) são as tarefas obrigatórias de qualquer repórter. O processo de disseminar notícias

ao grande público ou segmentos dele se dá, principalmente, pela veracidade e credibilidade do relacionamento entre os jornalistas e as fontes. As pessoas envolvidas nesses diálogos dão o tom da informação e/ou do ambiente de uma notícia. Dentro desse contexto, há sujeitos de diferentes grupos sociais que compõem os cenários da nossa história, a qual é transmitida periodicamente à sociedade contemporânea pelas mídias.

As pessoas mais retratadas são as que possuem imagem pública e visibilidade social – elementos que são constantemente mediados pela imprensa. Consta nas linhas editoriais dos grandes veículos de comunicação o destaque àqueles que possuem uma exposição prolongada, seja pela sua relevância como ator social ou por ter alcançado algum *status* de celebridade. Num mundo capitalista, os aspectos que levam a essa conjuntura estão ligados a interesses econômicos, influência civil e o que tende a gerar mais reações ao grande público.

O jornalismo, ao realizar a composição de indivíduos com relevância num contexto sócio-histórico, oferece subsídios às pessoas "comuns" para que elas tenham conhecimento dos sujeitos cujas ações interferem, direta ou indiretamente, em suas vidas, seja por questões políticas ou meramente por influências culturais – tendências de seguirem ou almejarem padrões de vida daqueles que possuem mais renda, mais popularidade na esfera pública etc. No entanto, nota-se que muitos dos personagens com esses méritos públicos são mais referenciais por conta de promoção de suas imagens por carreira e/ou status do que por suas características mais humanas.

É evidente a personalização da vida política e social nesses discursos. No âmbito das celebridades, há uma tendência até mesmo a descrições fúteis e dadas a exageros da mídia quanto a moldes comuns das vidas dessas figuras. Cria-se um culto às aparências. É relevante, portanto, uma análise crítica de como esses personagens são inseridos em textos jornalísticos perante outros.

Como foi levantado na presente pesquisa, há diferentes maneiras de se alcançar fama ou destaque social. Desde maneiras em que se adquire (como, por exemplo, a ascensão de uma carreira) às condutas involuntárias (participação em um evento que repercute por anos). Sendo assim, é inata do jornalismo a revelação e atualização de

histórias de pessoas, pelas suas ações, relatos e interferências. Essas informações podem ser analisadas como complementares ao que já é de conhecimento público.

Entretanto, o que fica escasso nesse cenário da área é justamente aquilo que ressalta ao jornalismo o caráter de dar voz e propiciar transformação social: a perspectiva de colocar em evidência o que chamamos aqui de protagonistas do cotidiano.

Gerar empatia, criar vínculos palpáveis com a sociedade e ressaltar um protagonismo do ser humano com toda sua complexidade. Essa é uma ferramenta que pode ser disponibilizada pelo jornalismo e é a mesma que contribui para um conhecimento maior de nossa natureza. É uma maneira também de democratizar a imprensa e enriquecer o pincelamento da realidade social, cultural e das variadas identidades que existem.

Os perfis levantados de acordo com seus papéis sociais nos dois veículos ressaltam, na sua maioria, mais a necessidade de contexto coletivo do que a do protagonismo anônimo. A Veja, revista mais lida do país, em suas publicações no período abordado, não dá praticamente nenhum enfoque à vida cotidiana. A Piauí tem essa preocupação por meio da seção "Esquina".

2.2.2 As tipificações na elaboração da reportagem-perfil

A segunda tabela contém os critérios de análise pelas tipificações de personagens, tipos de entrevistas e tipos de reportagens empregadas nos textos, de acordo com classificações de Phillipe Hamon (1987), E. M. Forster (1987), Muniz Sodré e Maria Helena (1986) para Personagens, Edgar Morin (2002) para Entrevistas e Oswaldo Coimbra (2003) para Reportagens.

Tabela 2 - Tipificações

Perfil	Revista	Nº da edição	1 - Tipos de Personagens	2 - Tipos de Entrevista	3 - Tipos de Reportagens
Marcela Temer Bela, recatada e "do lar" (p. 28 - 29) - por Juliana Linhares	Veja	Abril - nº 2474	Personagem referencial / Personagem plana / Personagem tipo	Entrevista ritual/rito	Reportagem narrativo-descritiva
Ana Carolina Oliveira "Lutei muito para voltar a ser feliz" (p. 66 - p. 68) - por João Batista Jr	Veja	Abril - nº 2475	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Grande reportagem com aspectos narrativo-dissertativos e narrativo-descritivos
Prince O legítimo gênio da música pop (p. 34) - por Sérgio Martins	Veja	Abril - nº 2475	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem tipo	Sem entrevistas	Reportagem narrativo-descritiva
Francenildo dos Santos Costa Coincidências (p. 10) - por João Moreira Salles	Piauí	Abril - nº 115	Personagem anáfora / Personagem plana / Personagem indivíduo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Reportagem narrativo-descritiva
Edward Luttwak O Maquiavel de MaryLand (p. 52 - 57) - por Thomas Meancy	Piauí	Abril - nº 115	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade	Reportagem narrativo-descritiva
Milena Santos A festa do fim de festa (p. 50 - 51) - por Rodrigo Rangel	Veja	Maio - nº 2476	Personagem referencial / Personagem plana / Personagem caricatura	Sem entrevistas	Reportagem predominantemente narrativo-dissertativa, com elementos descritivos
Cauby Peixoto O primeiro pop star do Brasil (p. 109) – por Sérgio Martins	Veja	Maio - nº 2479	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem tipo	Entrevista ritual/rito	Reportagem narrativo-descritiva
Emanuel Agostinho Moreno de Angola (p. 14) - por Gisele Lobato	Piauí	Maio - nº 116	Personagem anáfora / Personagem plana / Figurante	Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
João Gordo Punk verde (p. 16) - por Júlio Lamas	Piauí	Maio - nº 116	Personagem referencial / Personagem plana / Personagem tipo	Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Andrew Ackerman Bom de cama (p. 14) - por Roberto Kaz	Piauí	Junho - nº 117	Personagem anáfora / Personagem plana / Personagem indivíduo	Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva

Delcídio do Amaral O delator (p. 20 - 29) - por Malu Gaspar	Piauí	Junho - nº 117	Personagem referencial / Personagem plana / Personagem indivíduo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Grande reportagem com aspectos narrativo-dissertativos e narrativo-descritivos
João de Deus A luta de João de Deus contra o câncer (p. 74-81) - por Adriana Dias Lopes e Egberto Nogueira	Veja	Julho - nº 2485	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Manœl Moreira O trampolim de Temer (p. 12) - por Bruno Bernardes	Piauí	Julho - nº 118	Personagem referencial / Personagem plana / Personagem indivíduo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Reportagem narrativo-descritiva
Enrique Coimbra Confessionário Digital (p.14) - por Bolivar Torres	Piauí	Julho - nº 118	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Ana Marcela Cunha A pit bull (p. 56-62) - por Luiza Miguel	Piauí	Julho - nº 118	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Whinderson Nunes Rei do youtube (p. 96 - 99) - por Jennifer Ann Thomas	Veja	Agosto - nº 2490	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem tipo	Entrevista ritual/rito / Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Michæl Phelps A redenção de Phelps (p. 58-63) - por Alexandre Salvador	Veja	Agosto - nº 2491	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Ivo Pitanguy O senhor das plásticas (p. 3	Veja	Agosto - nº 2491	Personagem referencial / Personagem	Sem entrevistas	Reportagem narrativo-descritiva
Elke Maravilha Trem da Alegria (p. 100) - por Marcelo Marthe	Veja	Agosto - nº 2492	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem tipo	Sem entrevistas	Reportagem narrativo-descritiva
Diego Hypolito Chorão, sim, e daí? (p. 84 - 87) - por Juliana Linhares e Monica Weinberg	Veja	Agosto - nº 2492	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Reportagem narrativo-descritiva
Suzane Von Richtofen Suzane, 14 anos depois (p. 57 - 59) - por Ulisses Campbell	Veja	Agosto - nº 2493	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Grande reportagem com aspectos narrativo-dissertativos e narrativo-descritivos

Said Lutein Refúgio Dinamarquês (p. 11-12) - por Gabriel de Sá	Piauí	Agosto - nº119	Personagem anáfora / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
João Dória A guerra do cashmere (p. 14 - 22) – por Julia Duailibi	Piauí	Agosto - nº119	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Reportagem narrativo-descritiva
Carmen Lúcia Entre rosas e espinhos (p. 52 - 53) – por Pieter Zalis e Juliana Linhares	Veja	Setembro - nº2495	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem tipo	Entrevista temática / Entrevista testemunhal	Reportagem narrativo-descritiva
Amiris Rodrigues Moli vai à China (p. 11) – por Paula Scarpin	Piauí	Setembro - nº 120	Personagem anáfora / Personagem plana / Personagem indivíduo	Entrevista temática	Reportagem narrativo-descritiva
Jair Bolsonaro Direita, Volver (p. 18 - 26) – por Consuelo Dieguez	Piauí	Setembro - nº120	Personagem referencial / Personagem redonda / Personagem indivíduo	Entrevista em profundidade / Entrevista testemunhal	Reportagem narrativo-descritiva

Legendas: 1 - Tipos de Personagens: Classificações por Phillipe Hamon (1987), E. M. Forster (1987) e Muniz Sodré e Maria Helena (1986). 2 - Tipos de Entrevistas: Classificações por Edgar Morin (2002). 3 - Tipos de Reportagens: Classificações por Oswaldo Coimbra (2003).

2.2.2.1 Critérios de enquadramento

A construção de personagens na prática jornalística é, certamente, uma das mais importantes e desafiadoras no âmbito da escrita não ficcional. São variados os estilos e maneiras de enquadrá-los nos textos jornalísticos – relatos, testemunhas e entrevistas são pano de fundo para essas elaborações.

O olhar do jornalista, a revelação e/ou omissão de informações por parte das fontes são alguns dos prismas para definir as diferentes angulações dadas em reportagens-perfis. Independentemente de o personagem ser conhecido ou não do grande público, cada detalhe de seleção é fundamental para o seu "retrato" que circulará na mídia.

No que diz respeito ao perfil feito com o uso do jornalismo literário, há no texto a narração, descrição de cenas, diálogos. Esses aspectos estabelecem uma conexão com os leitores, pois instigam, oferecem uma compreensão maior do personagem perfilado e atiçam

reflexões sobre a existência: tudo isso pode ser proporcionado com técnicas de entrevista em profundidade e a narrativa jornalística embasada por um texto mais humanizado.

Escrever sobre uma pessoa e/ou um momento de sua vida é, portanto, de fato um processo que deve ser delicado e trabalhoso, independentemente de sua condição, status, idade, aparência etc. Na mesma medida que também é de extrema importância para traçar a realidade sócio-histórica, afinal, tudo é feito por e gira em torno de pessoas.

É possível apontar esses elementos nos perfis selecionados pela revista Piauí, a qual segue a tradição do Novo Jornalismo americano. Os perfis mais aprofundados, no entanto, são de um determinado grupo: o das figuras públicas. Os personagens desse cunho são apresentados de maneira redonda e são mais "humanizados" em contraponto ao que reportagens em tons dissertativos apresentam sobre eles. Os protagonistas do cotidiano e as celebridades comumente possuem um enfoque menor, enquadrados em textos menos densos.

A revista Veja não costuma seguir essas características literárias nas reportagens, todos os perfis selecionados – de celebridades e figuras públicas – têm um enquadramento em determinada característica social da pessoa, seja pelo destaque profissional, por privilégios conquistados etc. Há uma tendência dos repórteres a valorizar ou até mesmo desqualificar atributos e comportamentos do perfilado – o que confere um juízo de valor e um direcionamento no texto, o qual incorpora estereótipos já conhecidos pelo público.

As entrevistas costumam ser temáticas e testemunhais, e, portanto, não têm a profundidade necessária para elucidar, questionar e instigar os leitores além da abordagem rasa pela qual os personagens são enquadrados. Exceto por aqueles que traçam um cenário de figuras públicas involuntárias por conta de suas condutas, pois a abordagem psicológica é inevitável. Outro fator notável é que personagens não costumam ter "voz" nas reportagens, pois as citações de terceiros são mais recorrentes.

Geralmente esses enquadramentos têm a ver com interesses do veículo de comunicação (a Veja com uma linha editorial que dá mais

destaque a estatísticas, status, situações financeiras etc.) e reflete até mesmo no público-alvo da revista (a Piauí é anunciada como uma revista para quem gosta de ler. Não é à toa que as reportagens costumam ter muitas páginas). Em revistas como a Veja, que não segue a linha do jornalismo literário, o foco consiste mais em pontos que compõem um quadro maior do que a individualidade do sujeito e seu comportamento perante a vida.

O perfil da revista Veja é semelhante ao da maioria das revistas que está em circulação. Um exemplo é a revista Serafina, da Folha de S. Paulo, que também perfila, na maioria das vezes, celebridades. Um caso que destoa é o da revista Brasileiros (Brasileiros Editora Ltda.), ao retratar histórias de personagens diversos, destacando a pluralidade que existe no Brasil – apesar de que, na maioria das vezes, as capas enfocam figuras famosas.

O que está em falta num panorama do jornalismo brasileiro atual é mais veracidade na busca autêntica do outro e sua essência, aquele olhar analítico do repórter que se torna crucial para que um perfilado seja alguém mais passível de identificações pelos leitores.

Assim como no cotidiano, uma pessoa exposta é aberta a várias visões e interpretações de outrem. Uma informação errada transmitida, principalmente com o advento das redes sociais, pode se perpetuar de desagradáveis maneiras. Os jornalistas, portanto, além de gerar empatia com o texto, precisam ter empatia com a sua fonte - afinal, é um ser humano que escreve sobre o seu semelhante.

Personagem não é apenas fato – seja ele um protagonista do cotidiano, uma figura célebre ou pública. Personagem, no jornalismo, é referência e representação humana. Tornam-se necessários, portanto, mais aprofundamento e diversidade.

CAPÍTULO III

ANÁLISES DOS PERFIS

De acordo com os grupos de reportagens pelos diferentes papéis sociais em cada revista, neste capítulo são levantadas, mais especificamente nos textos, todas as tipificações e enquadramentos dos perfis selecionados na pesquisa.

3.1. Análises dos perfis de figuras públicas

Todos os perfis de figuras públicas são considerados referenciais de acordo com a classificação de Phillipe Hamon (1987) levantada no Estado da Arte, pois a construção de uma imagem pública confere um reconhecimento do personagem entre os leitores.

3.1.1 Perfis de figuras públicas na Piauí

Quanto aos textos da Piauí que perfilam esse tipo de personagem, são 5 dos 13 selecionados no período de abril a setembro de 2016. Dentre eles estão: Delcídio do Amaral (*O delator*, p. 20-29, por Malu Gaspar), Edward Luttwak (*O Maquiavel de MaryLand*, p.52-57, por Thomas Meaney), Manœl Moreira (*O trampolim de Temer*, p. 12, por Bruno Bernardes), João Dória (*A guerra do cashmere*, p.14-22, por Julia Duailib) e Jair Bolsonaro (*Direita*, Volver, p. 18 – 26, por Consuelo Dieguez).

Todos são figuras públicas permanentes por conta de suas atuações e carreiras políticas de relevância. A respeito da classificação de E. M. Foster, quatro deles (perfis de Delcídio, Luttwak, Dória e Bolsonaro) foram construídos de maneira redonda – com toda a complexidade humana e suas idiossincrasias, e 1 (perfil do Manœl Moreira) de maneira plana, construído a partir de uma qualidade ou característica e imune à evolução no transcorrer da narrativa.

Dentre os pontos em comum nas narrativas, um primordial é a proximidade do repórter com a fonte e a maneira como ele entra em cena – o chamado "conceito da transparência", momento em que o jornalista apresenta no texto os elementos do encontro com a fonte ou aspectos dos bastidores. Um exemplo disso está na reportagem-perfil do ex-senador Delcídio do Amaral, feita pela repórter Malu Gaspar:

> O senador sentou no sofá, cruzou as pernas e estendeu os braços ao longo do encosto. À sua frente, sobre uma mesinha redonda coberta por uma bandeira dos estados confederados americanos, salgadinhos, refrigerante e água. Usava camisa de linho lilás para fora da calça, jeans claro e sapato social. Alguns poucos parentes assistiriam com ele à transmissão pela tevê – entre eles a mãe, Rosely, e o irmão, José Ramon, o núcleo duro da família Amaral. Haviam se reunido para dar apoio ao membro mais ilustre do clã. (...) Delcídio mantinha a postura aparentemente relaxada, mas seu semblante estava tenso. Por vezes o olhar ficava estático, grudado na tevê, mas ele não parecia prestar atenção. Talvez fosse cansaço, visível pelas olheiras profundas. Mas também podia ser incredulidade (GASPAR, 2016, p. 20).

Esse recurso permite com que o repórter seja capaz de provar ao público parte da apuração feita para a elaboração do perfil – o que confere uma veracidade das informações e uma credibilidade no relacionamento da fonte com o repórter. Como pode ser visto também no perfil do deputado Jair Bolsonaro pela repórter Consuelo Dieguez:

> O carro entrou na avenida Lúcio Costa, na Barra da Tijuca, àquela altura já cercada devido à programação dos Jogos Olímpicos. A cena o fez rememorar seus tempos de atleta, no Exército. Perguntei se sentia saudade. "Era gostoso, tinha companheirismo, amizade. Na política só tem crocodilo do teu lado." Depois externou um pensamento que parecia preocupá-lo. "Se pegarem o Bornier na Lava Jato, a mídia vai cair de pau em cima de mim." Bolsonaro parou o carro na guarita do condomínio de casas onde mora, à beira-mar, para que eu descesse. Despediu-se e fez um apelo. "Veja o que você vai escrever sobre mim. Por favor, não destrua um sonho de 25 anos" (DIEGUEZ, 2016, p. 26).

A maneira de narrar dessas reportagens indica os elementos do Jornalismo Literário, presentes na revista, o qual tem o compromisso implícito com o leitor de dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa, e sim fazer com que "o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata" (LIMA, 2010, p. 16).

O repórter, portanto, entra em cena de uma maneira a transpor o leitor ao ambiente retratado – aproximando-o ao personagem. Outro exemplo pode ser conferido no perfil de João Dória, até então candidato a prefeito de São Paulo:

> Dória falava ao celular com o advogado do partido, Anderson Pomini. Acabava de sair de um compromisso na Zona Norte, no começo de junho, e tentava não deixar pistas sobre a conversa. "Sei, ahãm, sei, certo, ok. Ah, que bom. Perfeito. Fez bem. Obrigado." Despediu-se com um "Pau na máquina". Perguntei a ele sobre a investigação do Ministério Público. "As denúncias não têm consistência", começou. Negou haver compra de eleitores, mas admitiu uma ajuda de custo. Uma assessora interveio e pediu que eu conversasse com o advogado da campanha. Dória retomou o assunto e tentou minimizar a fratura do partido: "Na hora do embalo vêm todos. Faz parte do jogo." E prosseguiu: "Ficaria preocupado se a população, as pessoas simples me tratassem mal. Sob certo aspecto, muitas pessoas dizem que acham muito injusto o que estão fazendo comigo, e que essa injustiça as levou a me apoiar." Interrompeu de repente a entrevista. Já estávamos na região dos Jardins, próximos ao seu escritório. "Que caminho você está fazendo?", perguntou ao motorista. Ouviu a resposta, ensaiou uma discussão, mas se conteve (DUAILIB, 2016, p. 22).

Os repórteres da Piauí buscaram em todos esses perfis relatos de vida, testemunhos e entrevistas de maneira aprofundada. O sujeito perfilado então é apresentado por várias características e facetas que ganham um aspecto mais humanizado em contraponto à tipificação mais rasa que figuras públicas costumam ter na mídia. Esse mergulho na individualidade pode complementar ou alterar as impressões que os leitores têm deles.

Há uma preocupação com aquilo que Medina e Leandro (1973) categorizam como o flanco de "contexto social", em que as histórias têm que levar a um contexto coletivo, não exclusivamente a uma história particularizada. É relevante para os cidadãos terem o conhecimento de personagens como Delcídio do Amaral, Jair Bolsonaro e João Dória, pois eles ocuparam e/ou ocupam cargos políticos. Destacam-se, então, nesses perfis, as características de uma imprensa democrática.

3.1.2 Perfis de figuras públicas na Veja

Das reportagens-perfis selecionadas da Veja, 4 das 13 têm enfoque em figuras públicas. Dentre elas, estão: Marcela Temer (*Bela, recatada e "do lar"*, p. 28-29, por Juliana Linhares), Ana Carolina Oliveira (*"Lutei muito para voltar a ser feliz"*, p. 66- 68, por João Batista Jr.), Suzane Von Richtofen (*Suzane*, 14 anos depois, p. 57-59, por Ulisses Campbell) e Carmen Lúcia (*Entre rosas e espinhos*, p. 52-53, por Pieter Zalis e Juliana Linhares).

Todas as personagens nesse âmbito da pesquisa são mulheres. Quanto aos papéis sociais, Marcela Temer e Carmen Lúcia são figuras públicas permanentes por exercerem funções políticas, já Ana Carolina Oliveira e Suzane Von Richtofen são figuras públicas involuntárias por conta de fatídicos eventos em suas vidas que espantaram a sociedade civil, os quais envolvem dois crimes.

Um aspecto que chama a atenção é que, exceto pela reportagem-perfil de Ana Carolina Oliveira, não há indícios de entrevistas diretamente com as personagens e também não há o recurso da transparência. Os relatos, testemunhais e temáticos, são apresentados da maneira convencional do jornalismo, sem se preocupar tanto com o valor estético da literatura. Muitos dos relatos nas reportagens são de pessoas próximas da protagonista, como no texto que perfila a ministra Carmen Lúcia (o qual, dentre os selecionados, é o que mais humaniza a personagem em questão):

> Cármen Lúcia vem de uma família de sete irmãos e foi interna em colégio de freiras até a idade de prestar vestibular. Nunca se casou e, segundo uma prima, a economista Silvana Antunes, sempre anunciou que não o faria. "Ouvi várias vezes de

> sua boca que não se casaria. 'Vou me dedicar à profissão', dizia." Na intimidade, cultiva uma vaidade sóbria. Os fios de cabelo prateados e invariavelmente soltos jamais viram tintura. Prefere saltos baixos, meias-calças finas e vestidos brancos, cinza e pretos, mas já apareceu no plenário com um modelo pink. Em 2007, foi a primeira mulher a entrar de calça comprida no plenário do STF, o que era proibido até 2000 (ZALIS, 2016, p. 22).

Essa abordagem a terceiros também é característica no perfil de Marcela Temer, a atual primeira-dama, que é categorizada como personagem tipo ao ser descrita essencialmente por características mais rasas, sem personificar no texto aspectos psicológicos dela. Logo na linha-fina, "A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos jœlhos e sonha em ter mais um filho com o vice" (p. 29), o leitor percebe o enfoque que será abordado. O enquadramento é desenvolvido dessa maneira por todo o texto da reportagem:

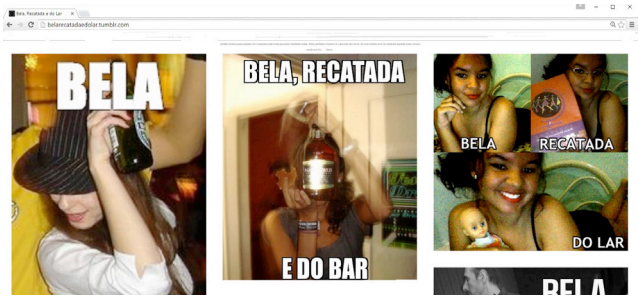
> Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele). (...) Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. "Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os jœlhos e cores claras", conta a estilista Martha Medeiros (LINHARES, 2016, p. 29).

A falta de profundidade na construção da persona trouxe à tona criações de estereótipos – comuns em perfis desse tipo. Nesse caso específico, porém, houve repercussão dos leitores, ou melhor, das leitoras: nas redes sociais, muitas mulheres sentiram que, de acordo com supostas posições ideológicas da revista, a reportagem-perfil impunha um padrão que elas deveriam seguir. Inclusive, em tom de ironia e deboche, criaram uma página no *Tumblr*[4], com fotos de várias brasileiras que tinham o perfil oposto ao de Marcela Temer descrita na reportagem.

---

4 Plataforma de blogging que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e "diálogos". Fonte: Disponível em: <https://www.tumblr.com/about>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

Figura 1 – Página do Tumblr "Bela, Recatada e do Lar"



Fonte: Disponível em <http://belarecatadædolar.tumblr.com/>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

Inevitavelmente, essa maneira rasa e convencional de descrever e narrar a personagem foi imprescindível para chamar a atenção do público, mesmo que sem a intenção de tamanho alarde.

Quanto às reportagens perfis de Ana Carolina Oliveira (mãe de Isabella Nardoni, assassinada em 2008[5]) e de Suzane Von Richtofen (condenada por planejar a morte dos pais com ajuda do namorado e do irmão dele[6]), o enfoque está em mostrar como elas se situam anos depois dos casos que as levaram a terem imagens públicas.

Há um contraponto entre como as perfiladas são apresentadas nas reportagens: as informações a respeito de Ana Carolina Oliveira foram obtidas através de relatos da mesma, com o complemento dos relatos testemunhais de pessoas próximas. Já Suzane Von Richtofen não pode ser entrevistada por conta de sua atual conduta na prisão, então foi perfilada somente por entrevistas rituais com quem teve contato com ela.

Outra diferença é a de que, apesar de ambas serem figuras públicas involuntárias, somente Richtofen é também figura pública permanente, pois a mídia tem acompanhado seus passos durante os 14 anos desde o crime cometido por ela, devido ao interesse do público pelo caso (um dos mais escandalosos da história da imprensa no país):

5 Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL386739-5605,00-VEJA+A+CRONOLOGIA+DO+CASO+ISABELLA.html>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

6 Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/caso-suzane-von-richthofen/n1596994333920.html>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

> Há dois anos, quando conquistou o direito ao regime semiaberto, Suzane passou por um teste psicológico que concluiu que ela é dotada de "egocentrismo elevado" e "agressividade camuflada", além de ser "manipuladora, insidiosa e narcisista". A conclusão é semelhante ao que dizem, com outras palavras, algumas das pessoas com quem Suzane conviveu na cadeia. Um agente penitenciário que trabalha há dez anos em Tremembé, por exemplo, conta que a jovem costuma modular o tom de voz conforme o interlocutor. "Fala com as detentas de um jeito e faz voz de menininha quando está na frente de um carcereiro ou de alguém de quem ela quer alguma coisa" (CAMPBELL, 2016, p. 59).

Ana Carolina Oliveira, por sua vez, oito anos após o assassinato de sua filha, foi abordada de maneira temática por conta de uma gravidez. O foco da notícia consiste em trazer uma reviravolta na história da protagonista:

> Hoje, Ana Carolina leva uma vida discreta. Nem sequer tem rede social. Durante a gestação, foi reconhecida apenas uma vez. "Uma mulher veio me dar parabéns e dizer que estava feliz por mim." Em comparação ao período de gravidez de Isabella, quando tinha apenas 17 anos, sente diferenças, como enjoos e inchaços. Por outro lado, aos 32, vive a experiência da maternidade tendo ao seu lado um marido. "Eu e Vinícius escolhemos todas as roupinhas, a decoração do quarto, a lembrancinha do hospital...", conta ela, com o sorriso largo que tanto lembra o da filha Isabella. "A Isa sempre me viu feliz – e é assim que estou hoje", complementa, orgulhosa de estar conseguindo reconstruir a própria história. Ana Carolina está no oitavo mês de gestação. Programa fazer parto normal. Dará à luz um menino, que vai se chamar Miguel. Em um sinal da maturidade com que superou sua tragédia pessoal, Ana Carolina não tropeça na dor inútil dos falsos paralelos: "Não encaro a segunda gravidez como uma substituição. Cada filho tem uma história" (BATISTA, 2016, p. 68).

Um fato curioso a respeito das reportagens-perfis de figuras públicas da Veja é justamente a necessidade de um contexto para enquadrar a personagem. Carmen Lúcia, por exemplo, foi perfilada

com enfoque em seus feitos no cargo político que exerce. Fica claro no quadro presente na reportagem:

Figura 2 – Posições de Carmen Lúcia entre os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

DURONA E EFICIENTE

Entre os ministros do STF, Cármen Lúcia é a segunda que mais nega liminares, a quarta que mais rejeita recursos e a quarta mais rápida para decidir

LIMINARES RECUSADAS			RECURSOS REJEITADOS			DIAS ATÉ DECIDIR AS LIMINARES		
1º	Ricardo Lewandowski	87,9%	1º	Rosa Weber	93,7%	1º	Ricardo Lewandowski	22
2º	**Cármen Lúcia**	**86,4%**	2º	Edson Fachin	93,7%	2º	Teori Zavascki	30
3º	Rosa Weber	86,2%	3º	Celso de Mello	93,5%	3º	Dias Toffoli	39
4º	Teori Zavascki	84,4%	4º	**Cármen Lúcia**	**91,2%**	4º	**Cármen Lúcia**	**44**
5º	Luiz Fux	82,1%	5º	Gilmar Mendes	90,7%	5º	Luís Roberto Barroso	50
6º	Dias Toffoli	81,8%	6º	Luiz Fux	89,2%	6º	Gilmar Mendes	53
7º	Celso de Mello	77,9%	7º	Marco Aurélio Mello	89%	7º	Edson Fachin	57
8º	Gilmar Mendes	77,6%	8º	Dias Toffoli	88,5%	8º	Luiz Fux	84
9º	Luís Roberto Barroso	62,7%	9º	Teori Zavascki	88,3%	9º	Celso de Mello	86
10º	Edson Fachin	62,5%	10º	Luís Roberto Barroso	88,2%	10º	Rosa Weber	91
11º	Marco Aurélio Mello	45,8%	11º	Ricardo Lewandowski	87,5%	11º	Marco Aurélio Mello	114

Fonte: *Supremo em Números – FGV*

Figura 2 – Posições de Carmen Lúcia entre os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF)

A questão do contexto social, assim como nas reportagens-perfis de figuras públicas da Piauí, também se faz presente na Veja.

3.2 Análises dos perfis de celebridades

Assim como os perfis de figuras públicas, todos os perfis de celebridades também são considerados referenciais de acordo com a classificação de Phillipe Hamon (1987), pois a fama confere um reconhecimento do personagem entre os leitores.

3.2.1 Perfis de celebridades na Piauí

Das reportagens-perfis selecionadas da Piauí, 3 das 13 têm enfoque em celebridades, sendo elas: João Gordo (*Punk verde*, p.

16, por Júlio Lamas), Enrique Coimbra (*Confessionário Digital*, p. 14, por Bolivar Torres) e Ana Marcela Cunha (*A pit bull*, p. 56-62, por Luiza Miguel).

Nessa categoria, temos um músico e apresentador de TV (João Gordo, nome artístico de João Francisco Benedan), um garoto que mantém um *blog* em forma de vídeos na plataforma do site *Youtube* (Enrique Coimbra) e uma nadadora olímpica (Ana Marcela Cunha).

Em contraponto aos perfis de figuras públicas da revista, os de celebridades são menos abrangentes nas informações abordadas, ou seja, os personagens não são investigados necessariamente por suas idiossincrasias e diferentes facetas, como vimos nos textos da revista no subcapítulo anterior.

O perfil de Ana Marcela Cunha pela repórter Luiza Miguel a enquadrou mais no aspecto do atletismo que lhe atribuiu a fama, mas também explorou algumas particularidades humanas da protagonista:

> Latuf e Ana Marcela, além de se encontrarem seis dias por semana durante os treinamentos, viajam juntos para as competições. Convivem tanto que a atleta incorporou o sotaque do técnico, natural de Ribeirão Preto (SP). "Oxe, Marrrcião, que treino foi esse, mano?", costuma reclamar, misturando o erre acentuado do interior paulista às expressões da Bahia (MIGUEL, 2016, p. 58).

É notável que a escrita literal da palavra "Marrrcião" é um recurso da narrativa que mexe no imaginário do leitor – essencialmente uma característica da literatura.

A reportagem-perfil de João Gordo pelo repórter Júlio Lamas desenvolveu de maneira plana um aspecto de sua personalidade: o fato de ele ser vegetariano e parte do movimento punk:

> "O punk sempre teve essa consciência do 'faça você mesmo', que vai contra a lógica burguesa de consumir, que é escrota, sabe?", explicou João Gordo, ressaltando que sua preocupação com o meio ambiente não nasceu ontem. "São Paulo hoje parece pra caralho com aquele livro do Ignácio de Loyola Brandão! Sem paranoia nenhuma nisso, cara", afirmou, referindo-se a um de seus romances favoritos, Não Verás País Nenhum, de 1981,

> no qual o autor apresenta um futuro distópico para o país, com surtos de doenças estranhas que ninguém entende, água e ar poluídos, congestionamentos infinitos e mudanças climáticas assassinas. "Porra... E já não é assim mesmo? Um retrato do que já é a realidade do desmatamento, das pessoas se alimentando de comidas artificiais cheias de aditivos químicos e bebendo urina reciclada?" (LAMAS, 2016, p. 16).

Fica evidente também que seus relatos foram levantados por uma entrevista temática, explícita no texto pelo repórter.

O blogueiro Enrique Coimbra foi retratado por Bolivar Torres de maneira mais psicológica, mas sem fugir da única temática: o fato de ele ser famoso na web:

> A depressão e as tendências autodestrutivas acompanham Coimbra desde a puberdade e são um assunto aberto, recorrente, em sua casa e no canal de vídeos. O humor oscilante piorou quando o pai teve um AVC, e a família se viu obrigada a mudar para Sepetiba. Apesar dos apelos contrários da mãe, o jovem abandonou duas faculdades caras, cursadas com bolsa do ProUni, para tentar viver de literatura. Em 2013, teve a ideia de criar um canal para compartilhar suas experiências. "Estou aprendendo a ser o mais transparente que posso. Ainda que não tenha milhões de assinantes, o meu poder pela internet afeta vidas", explicou, colocando grande ênfase na palavra "vidas" (TORRES, 2016, p. 14).

No texto também está presente o recurso da transparência em que o repórter entra em cena:

> O almoço estava pronto. Coimbra se levantou da frente do computador e foi até a cozinha. Encheu o prato com o estrogonofe e voltou para o quarto. "Pode escrever que esse garoto não come", disse a mãe, preocupada com a magreza do filho. De modo geral, sua vida tem se acertado, com a ajuda da terapia e dos remédios. "Comecei a ganhar algum dinheiro com o canal de vídeos", contou o jovem, que faz planos para o futuro. Quer viajar pela primeira vez. Quer promover ações sociais para melhorar o bairro. Em seguida, com o prato no colo, comeu o estrogonofe: todo ele,

> as garfadas lentas, uma depois da outra (TORRES, 2016, p. 14).

Dentre esses perfis, principalmente o de Enrique Coimbra, percebe-se o que Medina e Leandro (1973) classificaram como flanco de identidade cultural, por exemplo, a influência digital é um fator primordial na construção do perfil do vlogueiro – o que reflete numa cultura mais contaminada pelas redes.

3.2.2 Perfis de celebridades na Veja

A grande maioria dos perfis da revista Veja é de pessoas com papéis sociais de celebridades. Dos 13 selecionados, 9 deles têm esse enfoque, dentre os quais estão: Prince (O legítimo gênio da música pop, p. 34, por Sérgio Martins), Milena Santos (A festa do fim de festa, p. 50-51, por Rodrigo Rangel), Cauby Peixoto (O primeiro pop star do Brasil, p. 109, por Sérgio Martins), João de Deus (A luta de João de Deus contra o câncer, p. 74-81, por Adriana Dias Lopes e Egberto Nogueira), Whinderson Nunes (Rei do youtube, p. 96-99, por Jennifer Ann Thomas), Michæl Phelps (A redenção de Phelps, p. 58-63, por Alexandre Salvador), Ivo Pitanguy (O senhor das plásticas, p. 32, por Adriana Dias Lopes), Elke Maravilha (Trem da Alegria, p. 100, por Marcelo Marthe) e Diego Hypolito (Chorão, sim, e daí?, p. 84-87, por Juliana Linhares e Monica Weinberg).

Todas as reportagens-perfis que enfocam celebridades na Veja possuem algum atrativo a mais: seja por uma galeria de fotos, box com entrevistas exclusivas e até mesmo gráficos.

Destacam-se desde figuras que se envolvem em polêmicas a célebres falecidos. Os textos possuem enquadramentos acerca de profissão, status e relevância social. Os que enfocam celebridades que faleceram (Prince, Elke Maravilha e Cauby Peixoto) trazem um panorama de fatos marcantes de suas vidas e carreiras na seção "Memória".

Algumas reportagens, como o perfil de Milena Santos, por exemplo, não levam em conta entrevistas e apresentam relatos públicos em redes sociais na internet:

> Na manhã de segunda-feira, a exmiss Bumbum Milena Santos foi a um salão de beleza de Brasília. Queria se produzir para o grande evento do dia: um ensaio fotográfico da sua primeira visita ao novo gabinete do marido, o petista Alessandro Teixeira, nomeado três dias antes pela presidente Dilma Rousseff para o cargo de ministro do Turismo. Conhecida na internet, local onde se contam às dezenas as páginas em que aparece em fotos sensuais e vídeos eróticos, Milena vive há dois anos com o ministro, mas, até onde se sabe, mantinha-se, digamos, recolhida desde que chegou a Brasília. Na semana passada, decidiu que era hora de fazer-se, digamos, mais visível. Com um vestido branco de um só botão, abaixo e acima do qual tudo se revelava, ela posou para fotos e depois postou as imagens na página de uma rede social. Exibindo uma bolsa Dolce & Gabbana de 8.000 reais, a ex-miss Bumbum aparece nas fotos trocando olhares e beijos com o marido, faz poses diante da mesa de reuniões e ao lado da bandeira nacional. "Compartilhando com meus amigos meu primeiro dia de primeira-dama do Ministério do Turismo do Brasil. Te amo, meu amor, juntos somos mais fortes. Não é atoa (sic) que ao lado de um grande homem existe sempre uma linda e poderosa mulher", escreveu ela (RANGEL, 2016, p. 91).

A reportagem ilustra o protagonismo da personagem (celebridade voluntária e temporária) no contexto do assunto, mesmo que o tom do texto não seja necessariamente sobre ela, conferido, assim, um miniperfil:

Figura 3 – Milena Santos no gabinete

ACABOU BEM AGORA? A ex-miss Bumbum no gabinete do marido: bolsa de 8000 reais e vestido de um botão só

A FESTA DO FIM DE FESTA

Mulher de um dos novos ministros da equipe de Dilma, ex-miss Bumbum tira fotos no gabinete do marido e dissemina na internet o retrato de um governo que agoniza **RODRIGO RANGEL**

NA MANHÃ de segunda-feira, a ex-miss Bumbum Milena Santos foi a um salão de beleza de Brasília. Queria se produzir para o grande evento do dia: um ensaio fotográfico da sua primeira visita ao novo gabinete do marido, o petista Alessandro Teixeira, nomeado três dias antes pela presidente Dilma Rousseff para o cargo de ministro do Turismo. Conhecida na internet, local onde se contam às dezenas as páginas em que aparece em fotos sensuais e vídeos eróticos, Milena vive há dois

80 4 DE MAIO, 2016

Fonte: Revista Veja - Edição de Maio de 2016 - nº2476

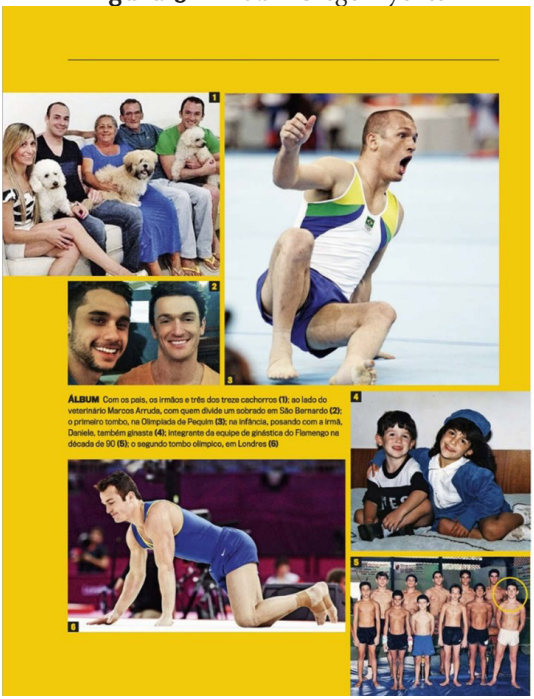
Dentre os outros textos publicados, o que se diferencia por ter sido mais aprofundado é o do atleta Diego Hypolito (celebridade adquirida). O enfoque dado pela repórter trouxe suas características mais psicológicas e individuais:

> Diego tem gênio forte, por vezes ingovernável. "Sempre fui além do limite do meu corpo", reconhece. "Ele treina mesmo machucado. Nunca vi um atleta aguentar tanto a dor", diz o técnicochefe da seleção masculina, Renato Araújo, que o acompanhou por duas décadas. Renato foi sucedido por Fernando de Carvalho, que acabou afastado às vésperas dos Jogos sob suspeita de abuso sexual de um aluno. Poderia ter sido um tsunami na preparação olímpica

> de Diego, mas quem assumiu o posto foi o técnico linha-dura de Arthur Zanetti (que também ganhou a prata, nas argolas). Funcionou (LINHARES, 2016, p. 85).

A revista inclusive teve acesso a fotos do perfilado de vários momentos de sua vida para compor a reportagem:

Figura 5 – Álbum Diego Hyólito



Fonte: Revista Veja - Edição de Agosto de 2016 - nº2492

Os perfis de celebridades da Veja têm como maior objetivo, na sua maioria, o entretenimento do público. São as reportagens com a maior quantidade de informações: verbais, ilustrativas etc.

3.3 Análises dos perfis de protagonistas do cotidiano

Todos os perfis de protagonistas do cotidiano são considerados anáforas de acordo com a classificação de Phillipe Hamon (1987), pois eles só são conhecidos através da leitura das reportagens.

A revista Veja não publicou nenhuma reportagem-perfil nessa vertente no período verificado.

3.3.1 Perfis de protagonistas do cotidiano na Piauí

Dos 13 perfis selecionados da Piauí, 5 são de protagonistas do cotidiano, dentre os quais estão: Francenildo dos Santos Costa (Coincidências, p. 10, por João Moreira Salles), Emanuel Agostinho (Moreno de Angola, p. 14, por Gisele Lobato), Andrew Ackerman (Bom de cama, p. 14, por Roberto Kaz), Said Lutein (Refúgio Dinamarquês, p. 11-12, por Gabriel de Sá) e Amiris Rodrigues (Moli vai à China, p. 11, por Paula Scarpin).

As reportagens-perfis com esse enfoque na revista Piauí ficam na seção fixa chamada "Esquina", que consiste em textos de diferentes repórteres sobre temas e pessoas do cotidiano – na sua maioria, anônimos, embora também haja textos sobre celebridades.

Os recortes são normalmente temáticos e delimitam as características dos personagens em um dado momento peculiar de suas vidas ou de suas carreiras. A reportagem-perfil de Andrew Ackerman, um apresentador de programa radiofônico, feita pelo repórter Roberto Kaz, é um exemplo:

> Ackerman ganha a vida como bibliotecário numa cidade pequena nos arredores de São Francisco, na Califórnia. É solteiro e pai de uma filha de 8 anos que não ouve seu programa. "Para ela, faço a versão ao vivo", justifica. Metódico, diz dedicar até cinquenta horas roteirizando e gravando os três episódios semanais. "Tento não falar de assuntos que tragam emoções fortes, como sexo,

> política ou religião. E também não menciono figuras que possam aparecer em pesadelos, como fantasmas e aranhas (KAZ, 2016, p. 14).

É comum também os repórteres utilizarem do conceito da transparência e de recursos literários. É interessante notar que no contexto de abordar facetas das vidas de protagonistas do cotidiano, esses elementos cabem de maneira tão espontânea que, de fato, o leitor consegue se conectar com a realidade retratada. O miniperfil do angolano Emanuel Agostinho, escrito por Gisele Lobato, descreve uma cena corriqueira de sua vida e aparência:

> Na entrada do mercado São Paulo, em Luanda, Emanuel Agostinho tentava atrair novos clientes. "Vamos pintar a unha, irmã? Fica bonito. Quer unha de gel?" A camisa com frase em inglês e, sobre ela, uma grossa corrente dourada dariam ao jovem de 23 anos a aparência de um rapper americano – não fosse pelos sapatos sociais, que destoavam. Agostinho apontava para uma placa de madeira coberta com fotos de mãos em que se destacavam as unhas postiças, longas e desenhadas. Na pequena loja logo atrás da tabuleta, montada sob uma tenda de lonas furadas, funcionava um salão de manicure informal – mais um, entre tantos que há na capital de Angola (LOBATO, 2016, p. 14).

Os textos desse cunho na revista, no entanto, são curtos – raros os que passam de duas páginas. Isso se dá devido à seção específica em que estão inseridos. Essa brevidade nas narrativas acerca de personagens desconhecidos do grande público confere certa limitação no tratamento sobre eles, diferente dos perfis bem elaborados e aprofundados de figuras públicas. A revista Piauí, apesar de ser a que mais dissemina reportagens-perfis no jornalismo brasileiro, não abre espaço maior para os que não conseguiram grandes feitos em suas vidas.

Um exemplo interessante dos perfis selecionados é um texto feito por João Moreira Salles intitulado "Coincidências", o qual faz um miniperfil de Francenildo dos Santos Costa. O retrato é, na verdade, um paralelo do personagem (que, apesar de ser um protagonista do cotidiano atualmente, já foi uma figura pública temporária) em um caso específico de sua vida em paralelo com uma figura pública permanente, no caso, a ex-presidente Dilma Rousseff:

> No dia 17 de março de 2006, pouco depois das seis da tarde, a privacidade de Francenildo dos Santos Costa foi exposta ao Brasil. Sob o título "Extratos revelam depósitos para caseiro", o post que inaugurava o blog da revista Época divulgava um fato ligado a uma quebra de sigilo bancário ocorrida na véspera: "O caseiro Francenildo dos Santos Costa, que ganhou fama ao aparecer na CPI dos Bingos esta semana acusando o ministro Antonio Palocci de frequentar a 'casa do lobby', montada por lobistas de Ribeirão Preto, pode ser um trabalhador humilde [...], mas está longe de passar por dificuldades financeiras...". No dia 16 de março de 2016, pouco depois das seis da tarde, a privacidade de Dilma Rousseff foi exposta ao Brasil. Ouvia-se na GloboNews a conversa dela com o ex-presidente Lula, registrada por grampo telefônico horas antes: "Lula, deixa eu te falar uma coisa." "Fala, querida." "Seguinte, eu tô mandando o Messias junto com o papel pra gente ter ele, e só usa em caso de necessidade, que é o termo de posse, tá?" "Tá bom, tá bom." "Só isso, você espera aí que ele tá indo aí." "Tá bom, eu tô aqui, eu fico aguardando." Duas quebras de sigilo separadas por exatos dez anos. Duas reações distintas do governo liderado por um mesmo partido (SALLES, 2016, p. 10).

O texto é temático e faz um traçado de como o personagem se sente a respeito das comparações de seu caso com o da ex-presidente. A reportagem-perfil finaliza da seguinte maneira:

> "O vazamento dela foi mais pouco que o meu, né?", diz Francenildo com voz miúda. "O meu envolveu família. O dela foi só largar o osso. A minha vida foi toda aberta e eu perdi meu pai. Acontece também que ela tem mais recursos do que eu. Eu era eu mais Deus. E também o meu advogado." [...] Dilma Rousseff declarou: "Não há justiça quando delações são tornadas públicas de forma seletiva para execração de alguns investigados e quando depoimentos são transformados em fatos espetaculares. Não há justiça para os cidadãos quando as garantias constitucionais da própria Presidência da República são violadas." Francenildo dos Santos Costa é solidário: "A Dilma se sentiu violada, quebraram o sigilo dela." Quem dera tivesse ele inspirado idênticas considerações.

O que pode ser questionado aqui é justamente a brevidade da reportagem. Ora, por que não fazer uma abordagem mais aprofundada da vida de Francenildo? O que ele tem feito profissionalmente? Como foi sua infância? Quais suas principais características?

Outra história peculiar foi a retratada de Said Luten, pelo repórter Gabriel de Sá. Um sírio homossexual que se vê desorientado no seu ambiente social:

> Said Lutein, um jovem bonito de 22 anos, estatura mediana e olhos muito grandes, negros e amendoados, lembra exatamente o momento em que a guerra civil na Síria foi bater à porta de sua casa.[...] Nos meses seguintes, deprimido, quase não saía da casa dos pais. Quando afinal começou a se recuperar, decidiu abandonar o Oriente Médio. Seu destino seria a Dinamarca – e não à toa. O país foi o primeiro a reconhecer a união civil entre pessoas do mesmo sexo, em 1989, e desde então não perdeu o status de uma das nações mais gay friendly do mundo. "Eu imaginava arco-íris e unicórnios nas ruas", disse o rapaz, fazendo graça.

O repórter apresenta brevemente a situação do personagem ao mudar de país. E especificamente uma surpresa que apareceu em seu caminho na nova empreitada:

> Era noite de sábado e ele, recém-chegado ao país, iria se encontrar com um dinamarquês. Os dois haviam se conhecido na comunidade online de paquera *boyfriend.dk*. Trocaram fotografias e conversaram um pouco até que o interesse mútuo se consolidasse. Marcaram de se ver perto da estação central de Helsingør, cidade onde Lutein morava à época. Durante o encontro, enquanto papeavam para quebrar o gelo, o sírio acabou sendo questionado sobre sua origem. O clima ameno deu lugar a um certo desconforto: o semblante plácido do dinamarquês transfigurou-se num misto de medo e descontentamento. O rapaz loiro terminou a cerveja numa só golada e foi embora sem dizer tchau. Lutein viria a interpretar a desconcertante reação da seguinte maneira: se ele fosse italiano ou turco, por exemplo, o dinamarquês teria reagido de outro jeito. Aquela não seria a única vez que o sírio se depararia com situações desse tipo no país europeu. Acredita ter sido preterido em empregos e, disso não tem nenhuma dúvida, é comum que bancos a seu lado, no transporte público, fiquem vazios, mesmo na hora do rush (SÁ, 2016, p. 11-12).

O breve perfil apresenta contrastes e dificuldades sociais, étnicas e políticas que o personagem teve que passar, tudo isso em apenas duas páginas. Reportagens-perfis como a de Jair Bolsonaro, por exemplo, têm entre nove a doze páginas.

Um fator que chama atenção entre essas reportagens-perfis analisadas da seção "Esquina" é o fato de que boa parte dos perfilados são estrangeiros. Ou seja, até mesmo ao permear por vidas anônimas, o protagonista do cotidiano brasileiro não tem sido tão explorado nesses seis meses das publicações.

As técnicas de narrativa utilizadas pelos repórteres da Piauí, ao menos, são positivas para captar a essência do personagem em um cenário. As entrevistas, diferente do que acontece com algumas celebridades perfiladas na revista Veja, não são superficiais, ao passo que trazem informações que não se concatenam ou que não tem utilidade.

Mas é necessário e relevante ampliar essas vozes do cotidiano, pois propiciam um entendimento maior da realidade de muitos brasileiros. Não há vida que não seja interessante – depende sempre da abordagem e da maneira como ela foi "explorada". Retratos mais aprofundados podem gerar empatias e, muitas vezes, reflexões de que somos, ao mesmo tempo, parte do individual e do coletivo.

É claro, não deixa também de ser relevante a abordagem acerca de figuras públicas e celebridades – afinal, escrever sobre pessoas com esses papéis sociais foi base para a consolidação do que chamamos de "Perfil" no jornalismo. Entretanto, é válido refletir sobre essa hierarquia de vidas públicas em detrimento das vidas anônimas.

O escritor e jornalista Machado de Assis (1839-1908), à sua época, em seus contos e crônicas em jornais cariocas no século XIX, é um grande exemplo que elucidou o ambiente e diferentes condições sociais através de selecionados personagens anônimos. Outro exemplo é a revista Realidade, que, a partir da década de 60, destacou vidas em perfis.

É importante que o jornalismo, principalmente revistas, incorpore na nossa cultura o que os citados acima já fizeram em contextos anteriores. Evidentemente está em falta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as publicações das duas revistas (Piauí e Veja) – de linhas editoriais e segmentos distintos – foi possível compreender mais amplamente as principais características do perfil jornalístico e as suas variadas vertentes. A pesquisa também cumpre com o objetivo de contribuir para um estudo mais aprofundado do subgênero ao repensar os seus conceitos e definições.

A respeito do questionamento proposto pelo problema – "tendo as duas revistas como objetos de análise, há diferenças nas elaborações dos perfis de personagens desconhecidos do grande público, de celebridades e de figuras públicas?" –, é factível pontuar que há sim diferenças de angulações na construção da reportagem-perfil dependendo do papel social da pessoa perfilada (figura pública, celebridade ou protagonista do cotidiano), mas com um porém: as tipificações de entrevistas, de personagem e de elementos textuais, não dependem somente desse fator. A hipótese é, portanto, parcialmente confirmada.

O estilo presente nas reportagens, comumente narrativo-descritivas, além de depender dos valores empregados pelo repórter (que podem contemplar até mesmo atributos pessoais), tem a ver com interesses dos veículos de comunicação, que vão desde a linha editorial ao público-alvo.

Quanto aos "grupos" sociais delimitados, as diferenças consistem mais nas editorias em que a reportagem está inserida – por exemplo, na revista Piauí, a maioria dos perfis de figuras públicas é de políticos, os quais estão na seção "Vultos da República", que tem um estilo próprio de texto na abordagem e no enquadramento. A revista Veja não é propriamente disseminadora do subgênero e, portanto, a composição dos perfilados compreende todo tipo de reportagem que contenha enfoque num personagem protagonista – o que acontece mais frequentemente com celebridades.

O que ocorre, nas duas revistas, é o fato de que pessoas desconhecidas do grande público não possuem muito espaço nas publicações, diferente das celebridades e figuras públicas. Em um universo de 26

reportagens-perfis durante o período de seis meses, constatou-se que 34% são de figuras públicas (9 textos), 46% de celebridades (12 textos) e apenas 19% de protagonistas do cotidiano (5 textos).

Se as revistas refletem a sociedade do nosso tempo, vale refletir a "balança" dos indivíduos que compõem esse cenário no âmbito jornalístico. A vivência humana no Brasil é e sempre foi sinônima de diversidade sociocultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ALI, Fátima. A Arte de Editar Revistas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à Filosofia do Jornalismo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com Art, 1992.

BIACHIN, Neila. Romance Reportagem. Florianópolis: Editora DAUFSC, 1997.

BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1987.

BRITO, Iolanda A. S. Rodrigues. Liberdade de expressão e Honra das Figuras Públicas, Coimbra Editora, Coimbra, 2010.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza
(org.); LUCA, Tânia Regina de (org.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo:
Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: GALEANO, Alex (Org.); CASTRO, Gustavo de. Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 57-70.

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FORSTER, Edward Morgan. Aspects of the Novel. In: BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1987.

GOMBRICH, Ernst. Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GALEANO, Alex (Org.); CASTRO, Gustavo de. Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

GOMES, Wilson. "A política da imagem". In: GOMES, Wilson. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004.

HAMON, Philippe. Por um estatuto semiológico da personagem. In: BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1987.

HOHLFELDT, Antonio. Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. São Paulo: Ática, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo Literário para Iniciantes. São Paulo: Clube dos Autores, 2010.

MELO, José Marques de. Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo. Ática, 2002.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. A arte de tecer o

presente: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo. Ática, 2002.

KUNCZIK, Michæl. Conceitos de jornalismo: Norte e Sul – manual de comunicação. Tradução de Rafæl Varela Júnior. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

PETER AMPONSAH, Libel Law, Political Criticism, and Defamation of Public Figures: the United States, Europe and Australia, New York: 2004. In: BRITO, Iolanda A. S. Rodrigues. Liberdade de expressão e Honra das Figuras Públicas, Coimbra Editora, Coimbra, 2010.

ROTH, Joseph. Berlim. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROJEK, Chris. Celebridade. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SALLES, João Moreira. Ouvido, instinto e paciência. In: REMNICK, David. Dentro da Floresta: perfis e outros escritos da revista. The New Yorker. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Francilene de Oliveira. O anônimo no jornalismo literário. Protagonistas do cotidiano na revista Piauí. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=8FmuCQAAQBAJ> Acesso em: 30 ago. 2016.

SILVEIRA, Jœl. A Feijoada que Derrubou o Governo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCALZO, Marilia. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

VILAS BOAS, Sérgio. Perfis: o mundo dos outros. Barueri: Manole, 2014.

_____. Perfis: e como escrevê-los. 1. ed. São Paulo: Summus, 2003.

_____. O estilo magazine: o texto em revista. Novas Buscas em comunicação. Vol. 52. São Paulo: Summus, 1996.

WOLFE, Tom. Radical chique e o novo jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARTIGOS EM REVISTAS E PERIÓDICOS

LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de vida em Jornalismo Literário Avançado. Revista Comunicarte, Campinas, v. 1, n. 25, p. 93-107, 2002.

GOMES, Cristiano Quirino; MAIA, Marta Regina. Os enquadramentos dos perfis na revista Veja. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 8 - Edição 1, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/viewFile/78975/83056>. Acesso em: 02 out. 2016.

MAIA, Marta R. A regra da transparência como elemento democratizador no processo da produção jornalística. Revista BJR - Brasilian Journalism Research, v. 4, n. 2, 2 sem. 2008.

MACHADO, Marcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS. N. 14 (2006), Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26572?show=full>. Acesso em: 02 out. 2016.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 403-412, set. 2010.

SIMÕES, Paula Guimarães. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. Líbero, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 129-140, 2011.

ARTIGOS EM CONGRESSOS

ASSIS, Francisco de. Primórdios do jornalismo diversional no Brasil: uma introdução à luz de desacordos. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado na Universidade Estadual do Centro-Œste do Paraná (Unicentro), 2011, Guarapuava. Anais eletrônicos. Guarapuava: UNICENTRO, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/tbrW8n>. Acesso em: 17 set. 2016.

DIAS, Paulo da Rocha. et. al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: 21º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1998, Recife. Anais eletrônicos. Recife: Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 1998, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxi-ci/gt03/GT0301/>. Acesso em: 17 out. 2016.

MANDELLI, M.C. O Perfil Jornalístico – um gênero em discussão na obra de Jœl Silveira. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Anais eletrônicos. Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r2175-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MAZINI, André Giulliano. A estética textual da narrativa jornalística. Ferramentas úteis à humanização do discurso jornalístico contemporâneo. In: GT – Teorias da Comunicação, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2008, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0291-1.pdf>. Acesso em 25 ago. 2016.

MONOGRAFIAS

AMATE, Elisson Tiago Barros. Perfilar coisas: O inumano no

centro da narrativa jornalística. 2013. 124f. Universidade de Brasília, São Paulo, 2013.

APÊNDICES

Apêndice A – Tabela – Análise de enquadramentos das reportagens-perfis

Perfil	Revista	Nº da edição	Enquadramento e principais pontos
Marcela Temer Bela, recatada e "do lar" (p. 28-29) - por Juliana Linhares	Veja	Abril - nº 2474	Reportagem que apresenta, por meio de entrevistas rituais com pessoas próximas, trechos da rotina atual da personagem, sem se aprofundar muito em sua personalidade. A reportagem-perfil não apresenta indícios explícitos de que houve entrevistas com a protagonista do texto, exceto pelo trecho que denota um objetivo de vida da mesma, que é tipificada como *plana, referencial* e *tipo* – por conta de ser apresentada de maneira rasa e com características já do conhecimento do público: "A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos jœlhos e sonha em ter mais um filho com o vice" (p. 29).
Ana Carolina Oliveira "Lutei muito para voltar a ser feliz" (p. 66-68) - por João Batista Jr.	Veja	Abril - nº 2475	Reportagem que aborda uma perspectiva de vida anos depois do caso que deu à personagem indivídua o papel social de figura pública involuntária. A reportagem traz um miniperfil da protagonista e denota a utilização da técnica de entrevista temática com ela, mas sem o recurso da transparência, além de entrevistas com pessoas próximas a ela.
Prince O legítimo gênio da música pop (p. 34) - por Sérgio Martins	Veja	Abril - nº 2475	Reportagem-perfil em memória de artista falecido. O enquadramento da pessoa com *celebridade adquirida* como *personagem tipo* e *referencial* traz à tona brevemente fatos marcantes de sua carreira e de sua persona.
Francenildo dos Santos Costa Coincidências (p. 10) – por João Moreira Salles	Piauí	Abril - nº 115	Reportagem sobre um acontecimento marcante da vida de um protagonista do cotidiano, que se viu envolvido em assuntos de teor público. Os relatos pelas entrevistas – temáticas e testemunhais – denotam o aspecto psicológico do personagem em relação ao evento, sendo assim um miniperfil de *uma personagem plana como indivíduo.*
Edward Lutwak O Maquiavel de MaryLand (p. 52-57) – por Thomas Meaney	Piauí	Abril - nº 115	O repórter, de maneira profunda, perfila a vida do *personagem indivíduo* que na mesma medida que é uma *figura pública permanente* possui uma *celebridade adquirida.* No perfil podemos identificar vários relatos da vida do personagem e suas características marcantes – psicológicas, físicas, morais etc. A reportagem-perfil, que apresenta o narrador em primeira pessoa utiliza da transparência na relação fonte e repórter.
Milena Santos A festa do fim de festa (p. 50-51) - por Rodrigo Rangel	Veja	Maio - nº 2476	Reportagem que enfoca uma *personagem caricatura e plana* pelo envolvimento dela com os eventos narrados. O destaque às características da persona conforme sua participação no fato confere um miniperfil de uma *figura pública temporária com uma celebridade voluntária e atribuída.* Não há indícios de entrevista com ela apenas relatos dela publicados em uma rede social na internet.
Cauby Peixoto O primeiro pop star do Brasil (p. 109) – por Sérgio Martins	Veja	Maio - nº 2479	Reportagem-perfil em memória que, além de destacar os principais momentos da carreira de alguém com *celebridade adquirida*, mostra relatos de entrevista feita anteriormente à morte dele, autenticando-o como *personagem tipo.*

Emanuel Agostinho Moreno de Ângola (p. 14) – por Gisele Lobato	Piauí	Maio – nº 116	Reportagem que mostra o miniperfil de um *personagem anáfora e protagonista* do *cotidiano* como *figurante* de um cenário específico, o qual foi entrevistado tematicamente pelo repórter de acordo com o ambiente em que se encontra.
João Gordo Punk verde (p. 16) – por Júlio Lamas	Piauí	Maio – nº 116	Reportagem com um miniperfil apresentando de maneira plana uma característica do *personagem tipo* que possui uma *celebridade adquirida*. A técnica de entrevista utilizada é a temática.
Andrew Ackerman Bom de cama (p. 14) – por Roberto Kaz	Piauí	Junho – nº 117	Miniperfil que apresenta o *personagem anáfora* como *indivíduo* de acordo com sua atual rotina de *protagonista do cotidiano*. A entrevista temática definiu no texto como o personagem age diante de aspectos como as consequências de seu trabalho.
Delcídio do Amaral O delator (p. 20-29) – por Malu Gaspar	Piauí	Junho – nº 117	Com o recurso da transparência, a reportagem-perfil apresenta a cena do repórter com a *personagem indivíduo* e plana, que é uma *figura pública permanente*. Apesar dele ser o enfoque, as técnicas de entrevistas usadas são temáticas e testemunhais devido aos eventos do qual o personagem participou, porém, também são descritas as características psicológicas e morais do mesmo.
João de Deus A luta de João de Deus contra o câncer (p. 74-81) – por Adriana Dias Lopes e Egberto Nogueira	Veja	Julho – nº 2485	Grande reportagem com um multiperfil de um *personagem indivíduo* com uma *celebridade adquirida*. O enfoque do texto, por meio de uma entrevista em profundidade, consiste em uma determinada fase da vida do personagem, além de um box com uma entrevista temática exclusiva com ele.
Manœl Moreira O trampolim de Temer (p. 12) – por Bruno Bernardes	Piauí	Julho – nº 118	Reportagem-perfil de uma *figura pública permanente*, que, por meio de entrevistas temáticas e testemunhais, é apresentado como *personagem indivíduo* e *plana*. Ele é descrito como uma figura importante no ambiente que o envolve. "Vinte e dois anos depois de deixar o poder, o ex-deputado circula livremente pelo Congresso. Dos tempos de parlamentar, sobrou apenas o adereço que ele não tira do paletó. Moreira tem pouco mais de 1,60 metro de altura, escassos fios de cabelo penteados com cuidado e a voz grave e forte" (p. 12).
Enrique Coimbra Confessionário Digital (p. 14) – por Bolívar Torres	Piauí	Julho – nº 118	Reportagem-perfil de um personagem indivíduo com uma *celebridade adquirida*. O contato da fonte com o repórter, que narra em terceira pessoa, é transparente, como pode ser conferido no trecho: "O almoço estava pronto. Coimbra se levantou da frente do computador e foi até a cozinha. Encheu o prato com o estrogonofe e voltou para o quarto" (p. 14). A abordagem com o personagem é a respeito da atual fase de sua vida e é essencialmente a respeito de seu estado psicológico.
Ana Marcela Cunha A pit bull (p. 56-62) – por Luiza Miguel	Piauí	Julho – nº 118	Reportagem-perfil que apresenta uma pessoa com uma celebridade adquirida como *personagem indivíduo* de maneira *redonda*. Por meio de entrevistas temáticas, o texto particulariza a personagem em um dado momento de sua vida e carreira.
Whinderson Nunes Rei do youtube (p. 96-99) – por Jennifer Ann Thomas	Veja	Agosto – nº 2490	Reportagem-perfil que demonstra a ascensão social do personagem que adquire o papel social de *celebridade*. Sem se aprofundar muito em aspectos de sua vida e por meio de entrevistas temáticas e rituais, o texto o enquadra como *personagem tipo*.

Michæl Phelps A redenção de Phelps (p. 58-63) - por Alexandre Salvador	Veja	Agosto - nº 2491	Grande reportagem que apresenta um multiperfil de um *personagem indivíduo* com uma *celebridade adquirida*. O enfoque do texto, por meio de uma entrevista em profundidade, consiste em apresentar um recorte da vida do personagem. A matéria inclui entrevistas temáticas e em profundidade.
Ivo Pitanguy O senhor das plásticas (p. 32) - por Adriana Dias Lopes	Veja	Agosto - nº 2491	Reportagem-perfil em memória de artista falecido. O enquadramento da pessoa com *celebridade adquirida* como *personagem tipo e referencial* traz à tona brevemente fatos marcantes de sua carreira e de sua persona.
Elke Maravilha Trem da Alegria (p. 100) - por Marcelo Marthe	Veja	Agosto - nº 2492	Reportagem-perfil em memória da artista falecida. O enquadramento da *celebridade* adquirida como *personagem tipo* traz à tona brevemente fatos marcantes de sua persona e de sua vida.
Diego Hypolito Chorão, sim, e daí? (p. 84-87)- por Juliana Linhares e Monica Weinberg	Veja	Agosto - nº 2492	Grande reportagem que apresenta um multiperfil de um *personagem indivíduo* com uma *celebridade adquirida*. O enfoque do texto, por meio de uma entrevista em profundidade, consiste em deflagrar vários recortes da vida do personagem. A matéria inclui álbum de fotos e entrevistas temáticas.
Suzane Von Richtofen Suzane, 14 anos depois (p. 57-59) - por Ulisses Campbell	Veja	Agosto - nº 2493	Reportagem que apresenta uma figura pública involuntária como personagem indivíduo de acordo com impressões que pessoas próximas têm sobre ela. O motivo que levou a personagem a ser exposta à opinião pública traz à tona um acompanhamento da mídia de suas ações.
Said Lutein Refúgio Dinamarquês (p. 11-12) - por Gabriel de Sá	Piauí	Agosto - nº119	Reportagem em formato semelhante ao da crônica que apresenta uma faceta da vida de um *personagem anáfora* como *indivíduo* de maneira *redonda*
João Dória A guerra do cashmere (p. 14-22) - por Julia Duailibi	Piauí	Agosto - nº119	A reportagem-perfil apresenta-o como personagem *indivíduo* de maneira redonda. O texto aborda vários pontos de sua personalidade e de sua vida como *figura pública permanente*, tanto em sua carreira quanto aspectos pessoais. O repórter entra em cena com a fonte na narrativa.
Carmen Lúcia Entre rosas e espinhos (p. 52-53) - por Pieter Zalis e Juliana Linhares	Veja	Setembro - nº2495	Uma *figura pública permanente* apresentada como personagem tipo de maneira redonda. O texto aborda alguns aspectos de sua personalidade e de sua vida, principalmente de sua carreira e atual situação pública.
Amiris Rodrigues Moli vai à China (p. 11) - por Paula Scarpin	Piauí	Setembro - nº 120	Reportagem em formato semelhante ao da crônica, que apresenta uma faceta da vida de um p*ersonagem anáfora* como *indivíduo* de maneira *redonda.*
Jair Bolsonaro Direita, Volver (p. 18-26) - por Consuelo Dieguez	Piauí	Setembro - nº 120	A reportagem-perfil, de maneira semelhante ao que o veículo faz com figuras públicas permanentes, apresenta-o como *personagem indivíduo* de maneira redonda. O texto aborda vários aspectos de sua personalidade e de sua vida, tanto em sua carreira quanto aspectos pessoais. Na questão da credibilidade fonte / jornalista, há também o recurso da transparência.

ANEXOS

Anexo A – Seção Esquina – Revista Piauí

O TRAMPOLIM DE TEMER

Com o broche de deputado na lapela, Manoel Moreira desceu um lance de escada e cruzou os dezesseis plenários do corredor das comissões da Câmara, alheio ao corre-corre. As moças que fazem pesquisa não foram atrás. Ele passou por caça-assinaturas e jornalistas, até chegar ao cafezinho. Vinte e dois anos depois de deixar o poder, o ex-deputado circula livremente pelo Congresso. Dos tempos de parlamentar, sobrou apenas o adereço que ele não tira do paletó.

Moreira tem pouco mais de 1,60 metro de altura, escassos fios de cabelo penteados com cuidado e a voz grave e forte. Trabalhou na Câmara entre 1987 e 1994, quando serviu como deputado federal pelo PMDB paulista. Nascido em Vitorino Freire, no oeste maranhense, fez carreira política com base eleitoral na região de Campinas, ligada ao meio evangélico. Antes de chegar a Brasília, foi também vereador e deputado estadual.

O ex-deputado é figurinha fácil nos bastidores da Câmara. Numa segunda-feira recente atipicamente amena, sem vazamentos comprometedores ou ministros em banho-maria, Moreira conversava com dois interlocutores, próximo ao jardim de inverno decorado com um painel de azulejos de Athos Bulcão. Falavam sobre os políticos contemporâneos do maranhense. É *habitué* do gabinete do presidente interino da Câmara, seu conterrâneo Waldir Maranhão. Em junho, foi visto também numa sessão do Conselho de Ética que discutia o processo de cassação de Eduardo Cunha.

"Por que eu circulo por aqui?", indagou Moreira, antecipando-se à pergunta da **piauí**. "Sou um ex-deputado, e graças a Deus não tenho muitos inimigos, então trato todo mundo com educação, de gato a cachorro", apressou-se em responder. "Não sei se sou querido: circulo." Escorado na parede enfeitada de imagens dos presidentes da casa no período imperial, disse sentir-se confortável com o anonimato. "Estou no ocaso, não tenho por que buscar publicidade."

Manoel Moreira entrou para a história não por sua atuação parlamentar, mas pelo envolvimento num dos maiores escândalos de corrupção dos anos 90. O maranhense era um dos chamados "anões do orçamento" – um grupo de deputados (apelidados "anões" porque tinham o *physique du rôle*) acusados de desviar recursos públicos federais num esquema de manipulação do orçamento da União.

Quando depôs à CPI que investigava o caso, sob o juramento de praxe, o então deputado negou o que pôde, embora sua ex-mulher tenha revelado como funcionava o esquema. Afirmou que um empreiteiro comprara seu flat por "boa vontade" e que usara "várias vezes" o avião de outro. Não conseguiu explicar, porém, a movimentação bancária quase quinze vezes maior que seu salário de deputado federal ao longo de sete anos. O relatório final da comissão entendeu que "suas declarações ao fisco não respaldam suas explicações em depoimento".

A CPI concluiu que os anões – e outros políticos de maior estatura – recebiam propina para incluir no orçamento emendas que beneficiavam empreiteiras e dirigir subvenções sociais para entidades-fantasma. Recomendou a cassação de dezoito parlamentares; oito foram absolvidos, seis foram cassados e quatro renunciaram. Moreira foi um dos que abriu mão do mandato, escapando do plenário e da inelegibilidade.

A manobra permitiu que um político ainda sem expressão nacional, à espera de oportunidade para assumir uma cadeira como suplente, integrasse a Câmara: Michel Miguel Elias Temer Lulia. Moreira fez a cortesia de ligar ao colega que o substituiria para anunciar sua decisão. "Olha, Michel, amanhã estou renunciando, se prepara para assumir", disse. "Eu estava pensando em te ligar", teria respondido o futuro presidente interino, algo constrangido.

Temer já havia ocupado uma cadeira na Câmara como suplente na legislatura anterior, a da Constituinte, e só viria a alcançar o número de votos para se eleger deputado federal nas eleições seguintes. Sua biografia oficial no site da Presidência, atualizada pela última vez em 2014, não informa as circunstâncias em que o político paulista chegou ao Parlamento em abril de 1994.

Moreira só se livrou da Justiça dezesseis anos depois. "Quando renunciei, disse que espérava ver minha inocência provada, e foi isso", afirmou. Tratava-se de um malabarismo semântico do ex-deputado, que não foi absolvido, mas teve sua punição extinta, já que o crime foi prescrito. A imprensa não tocou no assunto. A Wikipédia lhe deve um artigo. "Tenho minha consciência tranquila", disse. "Nunca usei óculos escuros para esconder minha cara nem mudei de nome."

Depois de dar a vez a Temer, Moreira voltou a submeter seu nome ao escrutínio das urnas, mas nunca mais se elegeu. Em sua última tentativa, em 2010, candidatou-se ao Congresso pelo PP e obteve 3 354 votos, ou 0,02% do total apurado em São Paulo. Ele atribui seu revés eleitoral ao alto preço para se eleger deputado pelo estado – 10 milhões de reais, segundo sua estimativa. "Não tenho dinheiro para comprar voto", justificou-se. "Esse pessoal mente quando fala que gasta pouco."

Após renunciar, Moreira voltou para São Paulo e depois morou por três anos em Uberaba, perto da família da segunda mulher, mãe de seu terceiro filho. Evasivo, não quis precisar desde quando voltou a Brasília. Disse viver de advocacia e de algumas corretagens. Aos 66 anos, seu objetivo imediato é montar um escritório na capital federal e se preparar para um concurso de cartórios. Gostaria de retomar a política e aventa se candidatar a vereador por Paulínia, no interior paulista – mas isso só em 2020.

Em maio, Moreira foi à posse de Michel Temer no Planalto, acompanhado de um amigo do PMDB. O ex-deputado torce pelo sucesso do presidente em exercício, mas descarta a possibilidade de compor o governo. "Não quero cargo nenhum", afirmou, categórico. "Conheço o Michel e o Michel me conhece, mas isso é a única coisa a que não aspiro." Em seguida, pareceu considerar a hipótese mais seriamente. "Se arrumasse um emprego aí, quanto é que ia ganhar, será? Não vou." ●

Bruno Bernardes

Anexo B – Seção de Momória – Revista Veja

MEMÓRIA

O LEGÍTIMO GÊNIO DA MÚSICA POP

Prince, morto na quinta-feira 21, representou para o soul e o funk o que Duke Ellington foi para o jazz: um maestro exigente, que extrapolou os limites de seus gêneros musicais **SÉRGIO MARTINS**

NA CRÍTICA DE MÚSICA POP, a palavra "gênio" é muito banalizada. Mas ela descreve Prince Rogers Nelson com justiça. O cantor, compositor e multi-instrumentista americano está para o soul e para o funk como Duke Ellington está para o jazz. No palco e no estúdio, foi um verdadeiro maestro, que exigia o máximo de seus comandados — e de si mesmo. Prince foi encontrado morto, aos 57 anos, na manhã de quinta-feira 21, em seu estúdio particular, o Paisley Park, em Chanhassen, Minnesota (até a tarde desse dia, as causas da morte não eram conhecidas; sabia-se apenas que estava sofrendo de uma gripe forte).

Em *My Name Is Prince,* ironicamente incluída no álbum de 1992, em que, na capa, o nome do artista foi trocado por um símbolo impronunciável (o astro tinha dessas excentricidades insuportáveis), ele cantava: "No início, Deus fez o mar / E, no sétimo dia, ele me fez". Não, ele não era modesto, nem poderia ser. Contratado pela gravadora Warner com apenas 19 anos, conseguiu uma façanha inédita para um astro iniciante: foi autor de todas as músicas, tocou todos os instrumentos e ainda respondeu pela produção de *For You,* disco de 1978. *Controversy,* de 1981, cristalizou sua imagem andrógina e avançou no erotismo ousado que seria uma de suas marcas. O sucesso comercial chegou com *Purple Rain,* trilha do filme homônimo, que vendeu 13 milhões de cópias nos Estados Unidos e deu ao compositor um Oscar de melhor canção original, em 1985. Prince foi um arquiteto da canção, um astro pop que, mais radical e inteligente do que Madonna ou Michael Jackson, corria riscos. A variedade da música negra americana — de Jimi Hendrix a James Brown — teve em Prince sua síntese mais bem acabada. ■

ÁPICE DA CRIAÇÃO
Prince: "Deus me fez no sétimo dia"

© TRUNK ARCHIVE

Anexo C - Link para conferir todas as reportagens-Perfis Selecionadas das revistas Piauí e Veja

Disponível no drive:

https://drive.google.com/open?id=0By160KuFPRwtT0ZCNU1OM1E4djg